



UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRPG – PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CCHL – CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

KLLARICY OLIVEIRA DE ALMEIDA



ENTRE RUÍNAS E ARRANHA-CÉUS:

pobreza e modernização no discurso da imprensa escrita teresinense na década de 1970

Teresina – PI

2014

KLLARICY OLIVEIRA DE ALMEIDA

ENTRE RUÍNAS E ARRANHA-CÉUS:

pobreza e modernização no discurso da imprensa escrita teresinense na década de 1970

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (PPGHB/UFPI), como requisito à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História do Brasil. Linha de Pesquisa: História, Cidade, Memória e Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

Teresina – PI

2014

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras  
Serviço de Processamento Técnico

A447e Almeida, Kllaricy Oliveira de.  
Entre ruínas e arranha-céus: pobreza e modernização  
no discurso da imprensa escrita teresinense na década de  
1970 / Kllaricy Oliveira de Almeida. – 2014.  
103 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –  
Universidade Federal do Piauí, 2014.  
Orientação: Prof. Dr. Francisco Alcides do  
Nascimento.

1. Teresina. 2. Imprensa Escrita. 3. Modernização. 4.  
Representação. I. Título.

CDD 981.22

KLLARICY OLIVEIRA DE ALMEIDA

ENTRE RUÍNAS E ARRANHA-CÉUS:

pobreza e modernização no discurso da imprensa escrita teresinense na década de 1970

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (PPGHB/UFPI), como requisito à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História do Brasil. Linha de Pesquisa: História, Cidade, Memória e Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento  
Universidade Federal do Piauí – Campus de Teresina

---

Profª. Dra. Cláudia Cristina da Silva Fonteneles  
Universidade Federal do Piauí – Campus de Teresina

---

Prof. Dra. Nilsângela Cardoso Lima  
Universidade Federal do Piauí – Campus de Teresina

A minha família e meu companheiro Antônio Cordeiro, pelo carinho e compreensão constantes, e ao meu querido mestre Francisco Alcides do Nascimento, pela confiança e dedicação.

## AGRADECIMENTOS

Ao delinear nestas poucas linhas as impressões e sentimentos vivenciados em nossa trajetória acadêmica, algumas lembranças vêm à mente como flashes a recordar momentos, pessoas e emoções que se entrelaçaram dando ritmo e intensidade ao contínuo processo de constituição dos aprendizes de historiadores.

Como esquecer a primeira aula, os olhares atentos, corações inquietos quase a saltar de curiosidade, repletos de desejos e expectativas juvenis? Como construir meu próprio caminho neste novo desafio? E minha identidade? Questões como estas passaram a fazer parte do meu cotidiano como uma provocação autocrítica, contudo a cada experiência vivenciada, a cada escolha feita, comecei a fazer, dizer e pensar como historiadora, amante de um exercício em que nos desnudamos em palavras frente ao espelho do passado.

Logo em nossos primeiros passos na oficina historiográfica aprendi com George Duby, um de seus mais apaixonados artesãos, que este ofício consiste em mergulhar no silêncio para tentar, mal informado, perdido entre pistas embrulhadas, discordantes, compreender o que se passou; e tomada por este entusiasmo de se aventurar como detetive do tempo, este território invisível cheio de contornos sinuosos e caminhos interrompidos, decidi enfrentar a correnteza e desbravar essa imensidão que ganha vida através do poder da palavra, esta bússola capaz de nos guiar por mundos tão próximos e ao mesmo tempo tão distantes. Como os acordes de uma bela canção onde se harmonizam ritmo e cadência, a escrita traduz sonoridades, sabores e sensações que apresentam e inspiram a realidade a nossa volta.

A oficina de trabalho, construída com seriedade e determinação, tem em suas paredes fortes lembranças estampadas, das amizades construídas na convivência diária, nas realizações conjuntas, nos projetos executados, nas aflições corriqueiras, nas conversas rápidas nos corredores, nas angústias, medos, incertezas e na paixão pelo fazer historiográfico, que tornaram cada dia uma nova descoberta.

Desde as personalidades efusivas que irradiavam alegria e conseguiam boas risadas na sala de aula, até os mais calmos e discretos, sempre atentos e prontos a ajudar, fiz amigos e escolhas que repercutiram em minha produção acadêmica e me prepararam para o desafio da escrita historiográfica.

Os mestres que fizeram parte da minha caminhada acadêmica e apresentaram os instrumentos necessários a um mergulho consciente pelas diversas possibilidades da escrita historiográfica tornaram-se não apenas exemplos de dedicação e amor à profissão, mas companheiros admiráveis de trabalho com os quais compartilhei o esforço diário de escrita e

reescrita, de críticas e observações que alargaram nossas reflexões sobre o processo histórico e sobre o próprio modo como encaramos o ofício do magistério.

Descobrir-me enquanto professora foi uma etapa crucial em minha formação, pois neste momento comecei a aprender não apenas o valor do conhecimento, mas o prazer de compartilhá-lo de forma responsável e reflexiva. As experiências foram as mais variadas possíveis, mas compreendi que aceitar a diferença é o passo inicial para que consigamos diálogo e envolvimento com o ensino.

O cansaço pelas noites em claro, escrevendo e reescrevendo textos, foi recompensado a cada olhar de carinho e reconhecimento daqueles que sempre incentivam e confiaram em meu potencial, tornando-se os primeiros e mais queridos admiradores. Foi através dos conselhos, dedicação e ouvidos atentos destes amigos de todas as horas que encontrei a força para ultrapassar as dificuldades e vislumbrar a realização dos objetivos alentados ainda nos primeiros anos da vida escolar.

Neste sentido, necessito destacar o apoio de minha mãe e irmã Luanna Oliveira e o mais novo membro da família, minha sobrinha Letícia Oliveira Lima; de meu amigo e companheiro Antônio Cordeiro, que tem cuidado de mim com todo o zelo e suportado meus momentos de cansaço e estresse; além de minha amiga Eliane Aparecida, àquela com quem compartilho desabafos e conselhos diariamente, e Tércia Jéssika Araújo, que mesmo distante me acolhe sempre disposta a ajudar.

Acredito que apenas agradecer ao meu querido mestre Francisco Alcides do Nascimento seria pouco para demonstrar o quanto sou grata aos seus ensinamentos diretos e indiretos, a sua amizade e dedicação constantes, às lembranças de nossas reuniões, trocas de figurinhas sobre os textos lidos, às discussões tecidas diariamente; mas sinto que sua voz já ressoa em minha escrita como brisa quente a guiar-me em cada nova página; e espero sempre tê-la a me aquecer.

Agradeço, ainda, a Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pelo apoio financeiro ao desenvolvimento desta pesquisa e patrocínio para participação de discussões em vários eventos pelo país, que concorreram para o enriquecimento intelectual e documental da pesquisadora.

Enquanto aprendiz de historiadora reconheço com carinho os sonhos que estão a ser colhidos, tendo em mente que eles são os primeiros passos de uma trajetória que se constrói a cada dia, reavivada pela paixão que a História desperta em seus aventureiros, seduzidos pela musa nascida para cantar o passado e divulgar as realizações do presente.

*Historiador*

*Veio para ressuscitar o tempo  
e escarpelar os mortos,  
as condecorações, as liturgias, as  
espadas,  
o espectro das fazendas  
submergidas,  
o muro de pedra entre membros da  
família,  
o ardido queixume das solteironas,  
os negócios de trapaça, as ilusões  
jamais confirmadas  
nem desfeitas.*

*Veio para contar  
o que não faz jus a ser glorificado  
e se deposita, grânulo,  
no poço vazio da memória.  
É importuno,  
sabe-se importuno e insiste,  
rancoroso, fiel.*

Carlos Drummond de Andrade

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES (TABELAS, MAPAS E FOTOS)

Foto 1: sem legenda.....	28
Fonte: Acervo digitalizado da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindin.	
Foto 2: Charge. Jornal Folha de São Paulo – Folhetim.....	31
Fonte: Acervo digital do Jornal Folha de São Paulo	
Foto 3: Charge. Jornal Folha de São Paulo – Folhetim.....	32
Fonte: Acervo digital do Jornal Folha de São Paulo	
Foto 4: Êste é o mais novo endereço do Piauí: progresso.....	38
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> . Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Foto 5: TELEPISA: integrou o Piauí ao Brasil.....	39
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Foto 6: AGESPISA.....	40
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Foto 7 e 8:Turismo: Teresina pede passagem.....	46
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Foto 9: Embelezamento de Teresina.....	51
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> . Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 10: Um problema superado.....	52
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> . Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Foto 11: Margens do Parnaíba vão ganhar arborização.....	57
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Foto 12: Sob a “Cidade Verde”.....	60
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 13: Mapil: Carro rebocado terá com fim?.....	61
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 14: O Hotel Piauí estará pronto em junho.....	62
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 15: Hotel de Teresina rivaliza com seus melhores congêneres.....	63
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 16: sem legenda.....	64
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> . Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	

Foto 17: I Distrito Industrial de Teresina.....	66
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 18: O trevo entrava o trânsito.....	67
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 19: TRRRRIIMMMMMM... Em Teresina o progresso está tinindo.....	69
Fonte: Jornal <i>A Tribuna</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 20: Lambe-lambe, um elemento que começa a desaparecer na paisagem de Teresina.....	70
Fonte: Jornal <i>A Tribuna</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 21: sem legenda.....	74
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> . Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 22: sem legenda.....	75
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> . Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Foto 23: sem legenda.....	77
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> .Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 24: Mendicância: o triste ato de estender a mão.....	79
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> .Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 25: MENDIGO: a chance de deixar as ruas.....	80
Fonte: Jornal <i>O Estado</i> .Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 26: Na Zona Sul a eterna lata d'água na cabeça.....	81
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 27: sem legenda.....	82
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> .. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 28: Tabuleta: dramas e comédias de um bairro pobre.....	83
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 29: sem legenda.....	84
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 30: Charge.....	87
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	
Foto 31: Várias crianças estão com sarampo no Itararé.....	90
Fonte: Jornal <i>O Dia</i> . Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.	

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações produzidas durante a década de 1970 sobre Teresina pelos editoriais de circulação na capital, previamente selecionados. A escrita jornalística é tomada, neste sentido, como fonte e objetivo de pesquisa tendo em vista o potencial analítico dos considerados “observadores atentos da cidade”, que produzem, consomem e dão a ver múltiplas cidades a partir de escolhas, interesses e visões de mundo que permeiam o lugar social e o tempo no qual se inscrevem. O recorte temporal delimitado apresenta-se, assim, como um período profícuo para refletir sobre as relações estabelecidas entre governo e imprensa escrita na medida em que o país e, conseqüentemente, o estado do Piauí vivenciavam a intensificação da ditadura militar e um acelerado processo de modernização que imprimira inúmeras mudanças no cenário urbano das capitais brasileiras, seja na paisagem arquitetônica, seja na face do cidadão. Para tanto, foi realizada a identificação dos posicionamentos políticos e ideológicos do corpo editorial de cada jornal no que tange ao projeto de “desenvolvimento” e “modernização” empreendido na década de 1970. Tal proposta tem sido favorecida, ainda, pela análise de narrativas orais obtidas por meio de entrevistas feitas com jornalistas e profissionais da imprensa escrita que vivenciaram o período em questão e depositadas no Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí, além do uso da fotorreportagem como fonte possível de reflexão sobre o padrão de visualidade urbana produzido nos periódicos já mencionados. Ao seguir este percurso metodológico, tem-se como finalidade responder os seguintes questionamentos: que Teresina surge nas manchetes dos periódicos? Com que intenções? Com que efeitos? Quais os desdobramentos e contornos do discurso jornalístico? Como a relação imprensa/estado influencia o processo editorial? Como os jornalistas significam e (re)significam o processo histórico vivenciado na década de 1970?

**PALAVRAS-CHAVE:** Teresina; Imprensa escrita; Modernização; Representação.

## RÉSUMÉ

Ce travail vise à analyser les représentations produites dans les années 1970 d'environ Teresina circulation éditoriale dans la capitale, précédemment sélectionné. Écriture journalistique est prise dans ce sens, comme la source et le but de la recherche en vue du potentiel analytique des «observateurs proches de la ville» considérées qui produisent, consomment et donner à voir les villes de choix multiples, des intérêts et des visions du monde qui imprègnent le lieu et le temps social dans lequel ils sont inscrits. Le laps de temps limitée est présentée, ainsi qu'un utile de réfléchir sur les relations entre le gouvernement et la presse dans ce pays, et par conséquent l'état de Piauí a connu l'intensification de la dictature militaire et une période accélérée modernisation qui avait imprimé de nombreux changements dans le paysage urbain de la capitale brésilienne, est le paysage architectural, soit sur le visage de la ville. Pour ce faire, l'identification des positions politiques et idéologiques du comité de rédaction de chaque journal concernant le projet de «développement» et «modernisation» entrepris dans les années 1970 Cette proposition a également été favorisée par l'analyse des récits oraux a été menée obtenue au moyen d'entrevues avec des journalistes et professionnels des médias qui ont vécu la période d'écriture et déposés au Centre d'histoire orale à l'Université fédérale de Piauí, et l'utilisation du photojournalisme comme une source possible de la réflexion sur le modèle de la visualité urbaine produite dans revues déjà mentionnées. Suite à cette approche méthodologique, a tenté de répondre aux questions suivantes: quelles Teresina apparaît dans les titres des journaux? Avec quelles intentions? Avec quels effets? Quelles sont les évolutions et les contours du discours journalistique? Comme l'influence relation presse / d'état du processus éditorial? En tant que journalistes font et (re) signifier le processus historique connu dans les années 1970?

MOTS-CLÉS: Teresina; Presse écrite; modernisation; Représentation.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO II: RUÍNAS DA CIDADE.....	21
CAPÍTULO III: IMPRENSA E ESTADO AUTORITÁRIO: ENTRE PRÁTICAS E DISCURSOS.....	31
3.1 Projeto Piauí: medidas para acordar o gigante adormecido.....	43
CAPÍTULO IV: QUE TERESINA DESEJAMOS? CIDADE E REPRESENTAÇÃO NA ESCRITA JORNALÍSTICA.....	48
4.1 A cidade do frenesi: novas experiências do tempo e do espaço a partir da modernização.....	54
4.1.1 Seduzir para conquistar: novos padrões de visualidade urbana nos periódicos teresinenses da década de 1970.....	58
4.2 A cidade do medo: outra Teresina sob a mesma face.....	73
CAPÍTULO V: POBREZA: PERSONAGEM DE PRIMEIRA CAPA.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXOS.....	102

## INTRODUÇÃO

As novas possibilidades temáticas que se abriram ao território historiográfico através da História Nova surgem como reflexo do alargamento do campo de preocupações do historiador, que passou a perceber a profundidade de questões até então pouco visíveis ou mesmo ausentes do campo da História. Tal processo teve como consequência a alteração da própria concepção de documento, passando este a abranger uma infinidade de fontes que vão desde a documentação escrita oficial até relatos orais, e sua crítica.<sup>1</sup>

Neste sentido, a dissertação em questão tem como proposta de trabalho refletir sobre a Teresina da década de 1970, através da escrita jornalística, e compreender a cidade descoberta pelo olhar de seus observadores mais atentos, na tentativa de apreender as imagens e discursos produzidos sobre a urbe, postos a representar a materialidade e o social. Para tanto, a pesquisa terá como fio condutor a análise da política de intervenção na paisagem e no reordenamento do espaço urbano dirigida por Estado, elite e tecnocratas; e cuja concretização se deu com o afastamento dos pobres residentes nas proximidades do Centro para regiões ainda não ocupadas e sem as mínimas condições estruturais necessárias a uma sobrevivência digna; como água, energia elétrica, hospitais, transporte urbano, entre outros.

Diante do quadro exposto, apresentaram-se alguns questionamentos que foram respondidos pela pesquisa: Que Teresina surge nas manchetes dos periódicos? Com que intenções? Com que efeitos? Quais os desdobramentos e contornos do discurso jornalístico? Como a relação imprensa/estado influencia no processo editorial? Como os jornalistas significam e (re)significam o processo histórico vivenciado na década de 1970?

Para o processo de investigação histórica aqui proposta se fez necessário um aporte teórico, no qual se destacou a noção de “representação”, que segundo Roger Chartier<sup>2</sup> “[...] embora espere à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, é sempre determinada pelos interesses de grupos que a forjam”. Desse modo, a investigação das representações supõe a necessidade de relacionar os discursos proferidos com a posição dos sujeitos que os

---

<sup>1</sup> PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil – Coleção Memória e Sociedade, 1990.

utilizam; na medida em que tais discursos se constroem “[...] num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”.<sup>3</sup>

Ao capturar a cidade de Teresina na década de 1970, atendo-se a localização e às nuances específicas desse período histórico marcado por um amplo processo de intervenção estrutural e espacial que surgia como primeiros passos em direção a um posterior avanço da industrialização, torna-se necessário perceber o entendimento impresso ao termo “modernidade”, e que nas reflexões de Marshall Berman<sup>4</sup> se apresenta como processos sociais que dão vida ao turbilhão da modernidade que se firmava no mundo europeu.

[...] grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades [...].<sup>5</sup>

Contudo, ao tratarmos do termo “modernização” percebemos que os processos empreendidos no espaço urbano não chega a beneficiar toda a população e nem ocorre de maneira uniforme no mesmo espaço. E ao trazer tais reflexões para a análise da modernização em países subdesenvolvidos, Regianny Lima destaca o caráter paradoxal e destoante desse processo que, em suas palavras “[...] ocorre apenas em parte, sendo excludente por não beneficiar a todos e, por vezes disforme, já que não ocorre em sua plenitude, apresentando-se, em sua maioria, como único elemento [...]”<sup>6</sup>.

Para além do fascínio, a cidade moderna traz em si as marcas de um processo de intervenção excludente que surge aos olhos através do desconcertante “espetáculo da pobreza”<sup>7</sup>. O voltar-se para o cenário teresinense da década de 1970 a afirmação em destaque se apresenta de forma expressiva ao se pensar no projeto interventor ao qual a cidade fora submetida e que trouxera à tona as contradições de uma modernização centrada em reformas

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil – Coleção Memória e Sociedade, 1990.p.17.

<sup>4</sup>BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.25.

<sup>5</sup> Idem, p.25.

<sup>6</sup>MONTE, Regianny Lima. *Teresina sob os anos de chumbo: interfaces de uma modernização autoritária e excludente*. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007. p.19.

<sup>7</sup>BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

aceleradas, mas cujo objetivo deixava de lado a mais nítida problemática: uma multidão aglomerada em casebres, vivendo sem as mínimas condições de sobrevivência, enquanto parte da cidade passava por transformações.

Neste quadro, faz-se necessário compreender o processo de construção do discurso jornalístico; tendo em vista a perspectiva, como destaca Roger Chartier, de que “[...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.”<sup>8</sup>

No decorrer do processo de levantamento bibliográfico apresentou-se, ainda uma deficiência por parte da historiografia piauiense no que tange à construção de trabalhos destinados ao estudo da pobreza, esta analisada através do discurso da imprensa escrita local, tanto no que diz respeito às suas práticas e experiências cotidianas quanto aos discursos produzidos a cerca desses atores sociais; tendo em vista que as pesquisas nessa área encontram-se, predominantemente, nos âmbitos da Sociologia e do Serviço Social.

Os trabalhos mais significativos na historiografia piauiense sobre a imprensa local é de autoria de Celso Pinheiro Filho e Francisco Alcides do Nascimento, sendo que o primeiro apresenta uma das primeiras tentativas de sistematização da história da imprensa do Piauí na obra “História da imprensa no Piauí”<sup>9</sup>; contudo, o autor não se prende ao processo de modernização dos editoriais e à análise dos discursos; já o pesquisador Francisco Alcides do Nascimento apresenta uma pesquisa mais alargada no campo da análise dos discursos e traz à tona questões como as relações de poder com o governo, além das nuances políticas presentes nos editoriais.

Dentre os trabalhos que se debruçam ao estudo das experiências cotidianas dos pobres urbanos destaca-se a produção de Maria Mafalda Balduino de Araújo,<sup>10</sup> que no âmbito da historiografia constitui um grande esforço na construção do conhecimento acerca do cotidiano da pobreza em Teresina ao final do século XIX e início do século XX, o que nas palavras de Maria Izilda S. de Matos representaria uma tentativa de “[...] restaurar as tramas de vidas

---

<sup>8</sup>CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil – Coleção Memória e Sociedade, 1990.

<sup>9</sup>FILHO, Celso Pinheiro. *História da imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodiaco, 1997.

<sup>10</sup>ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

encobertas, procurar no fundo da história figuras ocultas, recobrar o pulsar no cotidiano, recuperar sua ambiguidade e a pluralidade de possíveis vivências e interpretações, desfiar a teia das relações cotidianas e suas diferentes dimensões da experiência, fugindo dos dualismos, polaridades e questionando as dicotomias”.<sup>11</sup> Entretanto, Maria Mafalda, em *Cotidiano e pobreza*, acaba por limitar-se aos discursos da elite sobre a pobreza, deixando de lado a heterogeneidade da experiência histórica vivenciada pelos atores sociais no período em questão.

Destaca-se, ainda, o trabalho desenvolvido na área do Serviço Social por Antônia Jesuíta de Lima<sup>12</sup> sob o título *As Multifaces da Pobreza*, em que a mesma num belo esforço de compreender a condição da pobreza através de uma perspectiva até então não vislumbrada, traz à tona as experiências e trajetórias de moradores da Favela Morro da Garrincha e da Vila Carlos Feitosa, em Teresina, num mergulho à história recente dos pobres. Neste sentido, a autora traça o entendimento de como os pobres “[...] pensam o próprio modo de existir e como, a partir das condições concretas de vida, e elaboram visões de mundo, com as quais orientam as ações e as formas de interpretação da vida”.<sup>13</sup>

A pesquisa aqui proposta, neste contexto, apresenta-se de forma relevante à historiografia ao buscar alargar o conhecimento sobre os pobres urbanos, que na década de 1970 vivenciaram as multifaces de uma modernização excludente e autoritária, em suas práticas e experiências cotidianas e nas representações produzidas pelos “leitores especializados da cidade”: a imprensa escrita.

O recorte temporal da pesquisa em questão, década de 1970, também se destaca como um momento particularmente importante tanto na história nacional quanto piauiense, tendo em vista que a população acreditava colher os frutos do que se convencionou chamar de “milagre econômico”. Neste contexto, o país vivenciava a associação entre autoritarismo político e crescimento econômico, sustentada por um modelo de desenvolvimento “[...] onde a associação da economia nacional ao capital externo era conduzida prioritariamente pelas práticas político-econômicas governamentais”.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> MATOS, Maria Izilda de. Na trama do cotidiano. *Cadernos*. CERU/USP. N.5, p. 23-31.

<sup>12</sup> LIMA, Antônia Jesuíta de. *As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina: Halley, 2003.

<sup>13</sup> Idem, p.371.

<sup>14</sup> MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: a revista manchete durante o governo Médici*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos-SP, 1999. Disponível em: < www.arqanalogia.ufscar.br >. Acessado em: 27/11/2009.

Sob o slogan “Brasil Grande” o governo militar se centrava no fortalecimento do poder de Estado, coeso e burocratizado, priorizando a sustentação de crescimento econômico colocada em prática através de projetos como a Política de Integração Nacional (PIN) que, baseada no intervencionismo federal, direcionava recursos financeiros aos vários estados da federação, objetivando, assim, a construção de elementos que levassem ao sonhado “país do futuro”.

Cercada por um clima de entusiasmo no “Novo Piauí”, a capital passou a ser eleita como “cartão de visita” do estado, tornando-se personagem de um processo de modernização, cujo objetivo centrava-se na construção de uma nova imagem, foco de inúmeras notícias nos jornais da época.

De repente a cidade cresceu. A sua imagem bucólica desapareceu a cada dia. Os velhos casarões cederam lugar aos edifícios e na marcha do progresso até mesmo a forma arquitetônica tradicional das igrejas foi colocada à margem pelo arranha-céu em construção. É assim que acontece em Teresina. A visão da Igreja do Amparo foi interrompida na rua Rui Barbosa, por um edifício em construção, aparecendo apenas a crista da torre, como que querendo resistir à caminhada do progresso da “cidade verde”.<sup>15</sup>

Na marcha para o idealizado processo de modernização do centro urbano de Teresina, entretanto, a população pobre residente nas proximidades se apresentava para as autoridades públicas e a elite local como empecilho à concretização do projeto de modernização, que viu na expulsão desses moradores para bairros periféricos a solução, sem, para tanto, discutir com os moradores a necessidade da demolição dos casebres e remoção das famílias atingidas. Neste contexto, a imprensa escrita se apresenta como um importante ambiente para a discussão sobre a problemática levantada, possibilitando a percepção dos vários discursos sobre a pobreza na década de 1970.

Na tentativa de dar respostas aos questionamentos já expostos, a presente pesquisa fará a análise os discursos dos periódicos de circulação em Teresina na década de 1970: os jornais diários *O Dia*, *O Estado*, *A Tribuna* e o *Jornal do Piauí*, e os semanários *Estado do Piauí*, *O Liberal* e *Correio do Povo*.

A análise dos discursos da imprensa permitirá a identificação dos posicionamentos políticos e ideológicos dos periódicos teresinenses no que tange ao projeto de “desenvolvimento” e “modernização” empreendido na década de 1970 sob a direção dos

---

<sup>15</sup>SOBRE a “cidade verde”. *O Dia*. Teresina-Piauí, nº 3.374, p.1, 18/19 jul 1971.

governos estadual e municipal, enfocando especialmente as representações em torno da pobreza, tendo em mente a censura que ainda atingia a sociedade brasileira na década de 1970; sem, contudo, perder de vista as nuances políticas que atravessam os editoriais e se fazem sentir pelo caráter opinativo e de intervenção na vida pública. Esta atividade permitirá que a pesquisadora capture os pontos de aproximação e distanciamento dos discursos impressos nos periódicos com os projetos direcionados ao enquadramento dos pobres urbanos no processo de construção de uma nova imagem para Teresina.

Neste sentido, poderemos identificar como o os discursos impressos apresentam a relação estabelecida na tríade pobreza-Estado-modernização. Contudo, deve ficar claro que ao fazer uso da imprensa como objeto/fonte da História se coloca ao pesquisador o desafio de trabalhar faces sinuosas, que surgem aos olhos através de lutas, ideias e interesses de um determinado período, na medida em que a imprensa “[...] não só registra os fatos, mas comenta, toma partido, participa da história [...] representando, desde seu nascimento uma força política imbricada num jogo de interesses”.<sup>16</sup>

O primeiro capítulo corresponde a uma tentativa de reflexão do processo modernizador sobre as cidades brasileiras tendo como eixo a prática historiográfica nacional e a análise de diversos estudos, com o objetivo de construir um mapa explicativo com as principais características norteadas das ações que ganharam a alcunha de modernizadoras em fins do século XIX e no século XX.

No segundo capítulo desta obra objetivamos refletir sobre as relações estabelecidas entre a Imprensa e o Estado na década de 1970. Neste sentido, será privilegiada a análise da atuação da TV, em escala nacional, e em âmbito local dos periódicos de circulação, enquanto veículos de propaganda política-ideológica do Estado. Poder-se-á perceber, ainda, os mecanismos utilizados na construção de discursos legitimadores de uma imagem de unidade e democracia em pleno regime militar.

A proposta do terceiro capítulo corresponde à análise das representações produzidas durante a década de 1970 sobre a capital piauiense pelos editoriais selecionados pela pesquisadora. A escrita jornalística será tomada, neste sentido, como fonte e objetivo de pesquisa tendo em vista o potencial analítico dos considerados “observadores atentos da cidade”, que produzem, consomem e dão a ver múltiplas cidades a partir de escolhas,

---

<sup>16</sup>MONTE, Regianny Lima. *Teresina sob os anos de chumbo: interfaces de uma modernização autoritária e excludente*. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

interesses e visões de mundo que permeiam o lugar social e o tempo no qual se inscrevem. O recorte temporal delimitado apresenta-se, assim, como um período profícuo para refletir sobre as relações estabelecidas entre governo e imprensa escrita na medida em que o país e, conseqüentemente, o estado do Piauí vivenciavam a ditadura militar e um acelerado processo de modernização que imprimira inúmeras mudanças no cenário urbano das capitais brasileiras, seja na paisagem arquitetônica, seja na face do cidadão.

No quarto capítulo a pobreza em Teresina, na segunda metade da década de 1970, torna-se eixo de discussão a partir da escrita jornalística local. A análise dos discursos impressos nos editoriais a cerca do cenário de miséria vivenciado pela população que chegava à Teresina com desejos de conseguir melhores condições de vida e as relações estabelecidas com os governos estadual e municipal representados, respectivamente, por Dirceu Arcoverde e Wall Ferraz, nortearam o caminho percorrido na pesquisa.

## CAPÍTULO 2: RUÍNAS DA CIDADE

Como o processo modernizar se desenvolveu nas cidades brasileiras a partir do século XX? Esse tem sido o questionamento central de inúmeras pesquisas no campo historiográfico nacional, que a colocar o termo modernização nas discussões acabaram por montar um quadro explicativo com as suas principais características e as ações empreendidas nas diferentes cidadelas.

Neste sentido, tornou-se possível a construção de um panorama da modernização em solo brasileiro em fins do século XIX e no século XX, ao seguir os meandros desse processo a partir de trabalhos voltados para o estudo de cenários diversos e que se destacam na historiografia, seja pela prática de um método criterioso ou por alargar as perspectivas em torno do objeto “cidade moderna”.

Maria Stella M. Bresciani já sinalizava, em *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*, ao tratar do olhar intelectuais e literatos de fins do século XIX em relação à sociedade que se consolidava nas principais cidades industriais europeias do período, para a multidão desconhecida que se aglomerava nos bairros operários e cuja imagem constituída por analistas e pela literatura contemporânea os colocavam como reflexo de um processo incontrolável de transformações na paisagem urbana, que deu a esses personagens o atributos de espectros presos e invisíveis no turbilhão de miséria, fome, espanto, medo, fascínio.<sup>17</sup>

A rua em questão é uma das principais artérias da cidade, e tinha estado apinhada de gente o dia inteiro. Mas à medida que escurecia, a massa ia aumentando; e, quando os lampiões já estavam acesos, dois fluxos densos e contínuos de gente corriam diante da porta. Eu nunca tivera antes em situação parecida naquele momento específico da noite, e o mar tumultuoso de cabeças humanas me enchia, portanto, com uma emoção deliciosamente nova. Renunciei, afinal, a todo interesse pelas coisas de dentro do hotel e fiquei absorto na contemplação da cena lá fora.<sup>18</sup>

No conto *O homem das multidões* de Edgar Allan Poe, podemos perceber a cidade como local de fascínio, visto que a multidão que lhe perpassa diuturnamente reserva em si as características do espetáculo contraditório entre opulência e pobreza. Neste sentido, o narrador é absorvido pelo fluxo fervilhante dos mais diferentes personagens que consomem, na rapidez do olhar, a rua e suas facetas.

<sup>17</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

<sup>18</sup> POE, Edgar Allan. *O Homem das Multidões*. In: *Poesia e Prosa*. vol. 2. Editora Livraria do Globo: Porto Alegre, 1944.

A princípio minhas observações tomaram um rumo abstrato e generalizante. Olhava para os transeuntes em massa, e considerava-os em suas relações coletivas. Logo, no entanto, passei para os detalhes, e examinava com minucioso interesse as inúmeras variedades de figura, vestuário, jeito, andar, rosto e expressões fisionômicas. A grande maioria dos que passavam tinha uma atitude satisfeita e eficiente, e parecia só pensar em abrir caminho na torrente. Tinham as sobrancelhas franzidas e moviam os olhos com rapidez; quando esbarrados por outros passantes, não expressavam nenhum sinal de impaciência, apenas ajeitavam a roupa e seguiam se apressando. Outros, de uma classe também numerosa, tinham movimentos agitados, o rosto vermelho e falavam e gesticulavam sozinhos, como que se sentindo solitários exatamente por causa da densidade do agrupamento à sua volta.<sup>19</sup>

O narrador, no trecho acima, percebe a Londres do século XIX, uma cidade com crescimento demográfico superior à sua capacidade de garantir aos novos moradores a infraestrutura necessária, principalmente para os residentes de bairros industriais que viviam em condições insalubres e aqueles que não possuíam emprego, ainda, ganhavam junto à polícia o sinônimo de vagabundos.<sup>20</sup>

Na onda impaciente de transeuntes as individualidades parecem desaparecer na vivência coletiva; contudo, o olhar aguçado do narrador consegue flertar com as possibilidades e apresentar alguns dos personagens que dão forma a massa popular, seja pelos movimentos corporais, pelas indumentárias ou gestos. A passagem acelerada entre faces desconhecidas em meio a uma multidão sufocada torna-se a imagem do moderno.

Ao tratar dos perfis urbanos presentes nos textos de Edgar Allan Poe, Nicolau Sevcenko traz algumas das indagações feitas pelos homens que vivenciaram o surgimento das grandes cidades, perdidos no turbilhão incontrolável do “novo”. “[...] O que faremos com as nossas grandes cidades? O que as nossas grandes cidades farão conosco?”<sup>21</sup> Estas eram questões difíceis de responder num momento em que se presenciava “o persistente trinômio do progresso, do fascínio e do medo”<sup>22</sup>.

O fato é que o surgimento das grandes cidades tornou-se a experiência social mais insólita desses anos de 1830-1840 e, em virtude de seu ritmo acelerado e tumultuário, também a mais crítica. As cidades crescem incontrolavelmente, sem planejamento, infraestrutura e condições básicas mínimas. Dentre todos os contornos e misérias suscitados por esse novo estilo de vida, o que parecia perturbar mais os espíritos era justamente o seu

<sup>19</sup> POE, Edgar Allan. O Homem das Multidões. In: *Poesia e Prosa*. vol. 2. Editora Livraria do Globo: Porto Alegre, 1944.

<sup>20</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

<sup>21</sup> SEVCENKO, Nicolau. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. In: *Revista Brasileira de História*. v.5, nº 8/9. São Paulo, p.71, set. 1984/abr. 1985.

<sup>22</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). In: *Revista Brasileira de História*. v.5, nº 8/9. São Paulo, p.37, set. 1984/abr. 1985.

ineditismo que tornava os indivíduos envolvidos perplexos e destituídos de recursos para entender e enfrentar uma situação completamente inesperada.<sup>23</sup>

Bresciani também percebe esse estranhamento vivido pelo homem das grandes metrópoles envolvido pela “sensação de ter sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo, embora por ele produzido”. Nesse momento é a máquina que dita o tempo, as condições do trabalho, as relações pessoais e a própria necessidade de levar uma vida de dificuldades nas cidades.<sup>24</sup>

As vestimentas no século XIX é um tema relevante quando se trata da construção de uma imagem moderna. No Brasil, o Rio de Janeiro é cenário profícuo para reflexões em torno das relações estabelecidas entre a cidade e a moda. Para tanto, faz-se necessário analisar as discussões propostas por Maria do Carmo Teixeira Rainho em seu texto *A cidade e a moda*.

Para Rainho o Rio de Janeiro começa a vivenciar, no século XIX, o processo de europeização dos costumes e formas de vivência, tendo em vistas as transformações empreendidas na cidade ainda com a chegada da Corte portuguesa; o que maximizou as trocas comerciais com diversos países e a chegada de produtos, em especial ingleses e franceses, que passaram a distinguir a “boa sociedade”.

A “boa sociedade” exibia-se [...] nas corridas do Prado Fluminense, nas regatas de Botafogo, nos passeios em barcas, nas excursões à Tijuca e, é claro, nas famosas lojas comerciais da rua do Ouvidor. Um refinamento dos gostos também se observava a partir do estabelecimento de confeitarias famosas, como a Castelães, a Francesa, a Colmeia de Ouro, entre outras. Em suma, a vida na cidade fervilhava, exibindo nas festas, nos bondes, nas lojas, nas ruas, uma camada da população que até meados do século tinha como insígnia o isolamento e a reclusão.<sup>25</sup>

O desejo de igualar-se à aristocracia europeia colocava a “boa sociedade” em posição de refinar os costumes imitando os modos de vestir, os cuidados com a higiene e as maneiras à mesa; contudo o acesso a essa moda vinda da França e os espaços de circulação restringia-se a uma pequena parcela da população urbana. Escravos, pequenos artesões, vendedores ambulantes estavam excluídos desse universo de consumidores.<sup>26</sup>

<sup>23</sup> SEVCENKO, Nicolau. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. In: *Revista Brasileira de História*. v.5, nº 8/9. São Paulo, p.71, set. 1984/abr. 1985.

<sup>24</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). In: *Revista Brasileira de História*. v.5, nº 8/9. São Paulo, p.35-68, set. 1984/abr. 1985.

<sup>25</sup> RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções*. Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. p.62.

<sup>26</sup> RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções*. Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

Na Teresina de fins do século XIX a situação vivenciada pela população pobre não sofrera grandes alterações, tendo em vista que as imagens construídas pela própria imprensa local incidiam sobre a discussão em torno da marginalidade urbana. A pobreza se apresentava como sinônimo de criminalidade; o que na percepção de Maria Mafalda Baldoino de Araújo ligava-se às péssimas condições de subsistência, a crise financeira, o aumento do número de migrantes; que tinha como consequência a crise social.

Os baixos salários e a pressão decorrente do aumento da miséria cotidiana forçaram os homens pobres a recorrer a várias formas marginais de ganhar a vida, através da mendicância, dos furtos e da prostituição. O roubo chegava a ser uma prática comum nos dias a dia da cidade de Teresina.<sup>27</sup>

O século XX, como destaca Nicolau Sevcenko, trouxe consigo o advento da república e o desejo pelo “novo”, dois seguimentos que foram diretamente associados. O modo de vida, nos moldes da república, deveria seguir os padrões do Velho Mundo do nascer ao pôr do sol. Para tanto, a capital da nação passou a ser palco de mudanças tanto na paisagem urbana, modificada a partir de modelos técnicos e estéticos vindos da Europa, como na face da população embevecida pelo desejo de tornar-se cosmopolita e conseguir alcançar o patamar de sociedade “civilizada”.

O advento da República proclama sonoramente a vitória do cosmopolitismo no Rio de Janeiro. O importante, na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo. E os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e os livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio.<sup>28</sup>

Nas palavras de João do Rio “nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: Precisamos acabar depressa”<sup>29</sup>, ou seja, firma-se nesse momento um novo modo de vida impulsionado pelas inovações técnicas como o automóvel, o fonógrafo, o cinematógrafo, que encurtaram as distâncias e deram um ritmo acelerado ao cenário urbano.

Nessa cidade apenas o “homem-cinematográfico” poderia conviver com a aceleração

---

<sup>27</sup> ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.p.54.

<sup>28</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003. p.54.

<sup>29</sup> RIO, João do. *Uma antologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008. p.152.

da vida, a sucessão de acontecimentos, descobertas e invenções; pois o processo de modernização teria acabado com a reflexão e o sentimento. Para João do Rio, “o homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga”.<sup>30</sup>

Contudo, o anseio modernizador no Rio de Janeiro provocou ações autoritárias em relação à população pobre que repercutiram na maneira como esse processo foi levado à cabo em outras cidades brasileiras. A destruição do patrimônio arquitetônico colonial como forma de apagar o passado de atraso e ainda expulsar as “classes perigosas” das áreas centrais da cidade foi uma das principais características do projeto.

[...] são demolidos os imensos casarões coloniais e imperiais do centro da cidade, transformados que estavam em pardieiros em que se abarrotava grande parte da população pobre, a fim de que as ruelas acanhadas se transformassem em amplas avenidas, praças e jardins, decorados com palácios de mármore e cristal e pontilhados de estátuas importadas da Europa.<sup>31</sup>

“Limpar” a cidade não apenas das doenças que devastavam o Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, mas dos pobres que enfeavam as ruas, praças e jardins que deveriam ser cartões-postais tornaram a base de ação de políticos, intelectuais, setores da imprensa defensores da modernização.

[...] Cerceados nas suas festas, cerimônias e manifestações culturais tradicionais, expulsos de certas áreas da cidade, obstados na sua circulação, empurrados para as regiões desvalorizadas; pântanos, morros, bairros coloniais, sem infraestrutura, subúrbios distantes, matas; discriminados pela etnia, pelos trajes e pela cultura; ameaçados com os isolamentos compulsórios das prisões, depósitos, colônias, hospícios, isolamentos sanitários; degradados social e moralmente, tanto quanto ao nível de vida; era virtualmente impossível conte-los quando explodiam em motins espontâneos [...].<sup>32</sup>

Em “Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial” ao tratar de um Rio de Janeiro imperial Sidney Chalhoub já enuncia o conceito de “classes perigosas” e “classes pobres” como sendo a mesma realidade. Nesse sentido, a pobreza como fator suficiente para tornar um indivíduo malfeitor seria o fundamento que guiaria a atuação da polícia das grandes

<sup>30</sup> RIO, João do. *Uma antologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008. p.153.

<sup>31</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003. p.43.

<sup>32</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003. p.91.

idades brasileiras nas primeiras décadas do século XX.<sup>33</sup> Nessa perspectiva Chalhoub acrescenta que a posição dos parlamentares brasileiros a noção de “classes perigosas” ficou carregada de preconceito, na medida em que para tais políticos “os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos”<sup>34</sup>.

O trabalho de Ana Lúcia Duarte Lanna sobre as transformações sofridas pela cidade de Santos no início do século XX evoca as demolições como base para o entendimento do processo modernizador empreendido nas cidades brasileiras. O uso da técnica passou a vigorar como justificava para a intervenção no espaço urbano, neste sentido, “a cidade nascia como objeto de planos, de planejamento, de ações pretensamente racionais e objetivas”<sup>35</sup>.

O rompimento com o passado colonial seria peça-chave para a chegada do progresso, este associado diretamente aos interesses das elites. Para tanto, a construção de novos símbolos e a associação entre técnica e higiene tornaram-se marcas do pensamento urbanístico. Em *Cidade Febril* esta perspectiva apresenta-se na fala de Sidney Chalhoub ao refletir sobre o processo de demolições dos cortiços cariocas a partir da ideologia da higiene, que fomentou as práticas em relação aos pobres urbanos que viviam em habitações coletivas.

O pobre, sob o ponto de vista da ideologia da higiene, era perigo de contágio; o que deveria ser combatido a todo custo, sob risco dessa população impedir os sonhos de grandeza e prosperidade das elites. A partir deste panorama teve início a destruição de habitações consideradas insalubres e o reordenamento da população residente nessas moradias para outras regiões da cidade, o que não foi sentido de forma positiva pelos atingidos.

A cidade de São Paulo, por exemplo, teve em fins do século XIX e início do século XX parte significativa de suas igrejas demolidas. Mas preferencialmente as que lembrassem o passado escravista. As justificativas foram a necessidade de ampliação dos espaços, do fim da sinuosidade, da facilidade dos fluxos. Mas demolia-se o passado escravista. E junto com ele foram sendo desalojados e rearranjados dentro de novos espaços da cidade os seus habitantes. A memória daqueles lugares e das formas de vida a eles associadas foi sendo abolida. [...]<sup>36</sup>

<sup>33</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>34</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.22.

<sup>35</sup> LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição Santos: 1870-1913*. Santos/SP: Editora Hucitec, 1996. p.88.

<sup>36</sup> LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição Santos: 1870-1913*. Santos/SP: Editora Hucitec, 1996. p.89.

Ao demolir e reconstruir a paisagem urbana novas formas de vivência passam a se associar às ruínas do passado que se tentou destruir, mas cujas raízes são mais profundas e encontram-se ligadas a memória, que (res)significada ganha outros contornos. Antônio Paulo Rezende percebe essa cidade que é feita refeita cotidianamente pela memória dos cidadãos, por sonhos e desejos que a transformam diuturnamente (res)significando espaços e a forma como esses mesmos espaços são consumidos.

A cidade é feita de sonhos e de desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens.<sup>37</sup>

Nesse cenário frenético de mudanças na paisagem urbana se destaca a São Paulo dos anos 20, sob o olhar aguçado de Nicolau Sevcenko, que alarga a quadro de transformações para inserir os novos hábitos da elite paulista, que passava pelo processo de metropolização com a verticalização e monumentalização de prédios e vias urbanas, intensificado pelas mudanças de pensamento que chegavam à juventude através do esporte e lazer.

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. [...] Sob o epíteto genérico de “diversões”, toda uma série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitadas, concentradamente nos fins de semana. [...] Esporte, danças, bebedeiras, competições, cinemas, shopping, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversões, boliches, patinação, passeios e corridas de barco, natação, saltos ornamentais, massagens, ginástica sueca, olímpica, e coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas praças da cidade toda semana.<sup>38</sup>

A cargo da imprensa, como destaca Sevcenko, ficou a propaganda dessa nova filosofia de vida baseada na prática atlética. Os jovens formavam, assim, a público-alvo que melhor apresentaria à sociedade os novos tempos que se avolumavam em direção ao moderno, este refletido nas roupas, nos rostos, nos corpos de moças e rapazes.

---

<sup>37</sup> REZENDE, Antônio Paulo. *Descantos modernos: histórias da cidade de Recife nas primeiras décadas do século XX*. Recife: FUNDART, 1997. p.21.

<sup>38</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.33.



Ilustração 1: Revista America: magazine mensal ilustrado, ano 1, n.04, dez. 1923.

Fonte: Acervo digitalizado da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindin.

A década de 1920 em Recife sob o olhar de Antônio Paulo Rezende também apresenta contornos relevantes ao tratar da modernização na cidade e seus contrapontos. Recife se apresenta, segundo Rezende, como mais uma das cidades com forte tensão entre o moderno e o tradicional, ou seja, a cidade tem uma história atravessada pelo medo de perder sua tradição e o desejo de reafirmar seu passado idealizado.

Essa condição é perceptível no Governo de Sérgio Loreto (1922-1926), cujas palavras de ordem eram “urbanizar, civilizar e modernizar”. Sua plataforma de governo baseou-se no ele mesmo chamara de missão civilizatória, na qual o poder público deveria educar a população sobre seus maus-hábitos e a precariedade das habitações coletivas através de exigências disciplinares que não foram bem aceitas pelos cidadãos. Contudo, Loreto tinha um aliado incondicional: a imprensa.

[...] Sérgio Loreto enfrenta, no decorrer do seu governo, uma forte oposição segundo conta José da Costa Porto, sobretudo depois do rompimento de Manoel Borba, além das muitas acusações de ‘esbanjamentos, perdularismos, os desacertos administrativos, as bambochas em favor da família, de amigos, de afilhados. Apesar do apoio que consegue de jornais de circulação expressiva, na época, como o Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno, A Província e o Jornal do Comércio, o governo tem, também, seu órgão de defesa o Diário do Estado. O Diário, juntamente com a Revista de Pernambuco, é dirigido por Sérgio Loreto Filho. São órgãos ativos de propaganda constante da obra ‘modernizadora’ do seu pai.<sup>39</sup>

<sup>39</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.43.

Os principais jornais da cidade geriram uma enorme campanha em favor do projeto modernizador de Sérgio Loreto; entretanto, esta possibilidade se apresentava ao governo graças aos favorecimentos políticos e financeiros feitos aos jornais, além das relações de parentesco, como no caso do Diário e da Revista de Pernambuco, dirigidos por seu filho. As questões éticas tornavam-se um problema para as ações do governo que tanto se mostrava missionário de uma causa justa.

O papel da imprensa brasileira na propaganda em torno da modernização é uma linha de pesquisa que tem ganhado atenção entre os pesquisadores, sejam revistas ou jornais de circulação o projeto modernizador passa a ser uma das principais pautas, o que possibilita a percepção das construções editoriais em torno do tema em questão.

Ao caminhar um pouco pelo tempo o percurso entre as décadas de 1950 e 1970 traz consigo a efervescência de projetos de modernização idealizados e autoritários, que chegavam à população a partir de uma imprensa que desejava por mudanças infraestruturais que trouxessem o progresso. Nesse sentido, as inúmeras cidades que coexistiam dentro do mesmo espaço físico tornavam-se a cidade moderna, unificada em torno do moderno.

Pesquisadores como Francisco Alcides do Nascimento, ao focar os cronistas teresinenses, e Charles Monteiro, ao se debruçar sobre as revistas ilustradas da década de 1950; percebem um processo que ultrapassa o espaço físico das cidades as quais dão destaque e incide sobre a maior parte das cidades do país.

O discurso uniformizador produzido por cronistas numa Teresina que vivenciava um crescimento demográfico acelerado não correspondia aos problemas que se faziam sentir pela população rural que chegava à cidade com sonhos de vida melhor. Enquanto a ação dos governos se focava nas “classes perigosas”, seu afastamento e higienização dos corpos; as crônicas reafirmavam o desejo modernizador e a defesa dos dirigentes, cujas práticas eram tidas como necessárias ao desenvolvimento e à visibilidade de Teresina como capital moderna.<sup>40</sup>

No caso da cidade de Porto Alegre, apresentada nas fotorreportagens das revistas ilustradas da década de 50, o foco é o processo de monumentalização do meio urbano com as edificações de grande gabarito e a verticalização do centro; além da forte presença de símbolos do moderno como o automóvel, a multidão desconhecida, o rádio. A união de fotografias, textos curtos e publicidades apontavam para uma nova forma de ver o espaço

---

<sup>40</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina em Teresina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: *Revista Brasileira de História*. v. 27, n. 53. São Paulo, p. 195-214, jan-jun 2007.

urbano em transformação: a cidade deve ser vista e consumida num formato moderno, ou seja, acelerado e superficial.<sup>41</sup>

A imprensa<sup>42</sup> enquanto objeto de investigação da História, como nos trabalhos apresentados acima, até pouco tempo não possuía a credibilidade depositada nos dias atuais. Como destaca Maria Helena R. Capelato, até a primeira metade do século XX os pesquisadores se dividiam em duas posturas em relação ao uso do jornal como documento histórico: “[...] o desprezo por considerá-lo uma fonte suspeita, ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade”<sup>43</sup>.

Para Capelato as duas posturas devem ser contestadas, na medida em que o jornal não pode ser entendido como transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, como também não se pode diminuir sua contribuição enquanto fonte por causa da presença da subjetividade. Neste sentido, a imprensa deve ser entendida como um “[...] instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”<sup>44</sup>.

A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das ideias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social. Grupos se aproximam e se distanciam segundo as conveniências do momento; seus projetos se interpenetram, se mesclam e são matizados. Os conflitos desencadeados para a efetivação dos diferentes projetos se inserem numa luta mais ampla que perpassa a sociedade por inteiro. O confronto das falas, que exprimem ideias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos.<sup>45</sup>

A perspectiva de Capelato evoca características básicas que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa e reafirma a possibilidade de construir uma história da imprensa teresinense, com enfoque para a década de 1970, através da análise dos discursos dos editoriais e das relações estabelecidas entre ideias e práticas. Compreender os interesses envolvidos nos noticiários sem perder de vista as particularidades de cada jornal e dos grupos que lutam na defesa de seus objetivos é, neste contexto, uma proposta profícua.

---

<sup>41</sup> MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nos anos 1950. In: *Revista Brasileira de História*, n. 53, vol. 27, 2007, p. 159-176.

<sup>42</sup> O termo imprensa não se reduz ao jornal; abrange revistas, almanaques, folhetos, blogs, jornais digitais, e cada uma dessas publicações possuem características particulares; por isso a pesquisadora restringiu-se aos periódicos.

<sup>43</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

<sup>44</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

<sup>45</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p.34.

### CAPÍTULO 3: IMPRENSA E ESTADO AUTORITÁRIO: ENTRE PRÁTICAS E DISCURSOS



Ilustração 2: Charge. Jornal Folha de São Paulo – Folhetim. 10 fev. 1980  
 Fonte: Acervo digital do Jornal Folha de São Paulo

Em edição especial do Folhetim de 10 de fevereiro de 1980, dedicada à imprensa da década de 70, vários cartunistas manifestaram seus posicionamentos a partir de algumas charges publicadas nesta mesma edição; entre os quais se destacamos a produção de Jota, que já num período de abertura política senti-se livre para falar do problema da autocensura e do colaboracionismo de muitos setores da imprensa nacional que tiveram ajuda do estado na modernização do seu aparato tecnológico; enquanto, por outro lado, inúmeros jornais, como o Correio da Manhã, sofreram com a repressão, principalmente depois do Ato Institucional nº5, decretado em 1968.

Como destacado na charge de Jota, a pressão dentro do próprio jornal torna-se insuportável, já que a censura começava no processo de confecção da notícia. E aqueles jornais que não realizassem a censura prévia poderiam sofrer diversas punições. Um exemplo disso é o caso da proprietária do Correio da Manhã, Niomar Muniz Sodré, que foi sequestrada

e presa pelos órgãos de repressão do estado. Esse jornal acabou fechando as portas, assim como o Diário de Notícias e o Diário Carioca, devido às dificuldades econômicas impostas pelo próprio governo.<sup>46</sup>



Ilustração 3: Charge. Jornal Folha de São Paulo – Folhetim. 10 fev. 1980  
Fonte: Acervo digital do Jornal Folha de São Paulo

Em outra charge do cartunista Jota, da mesma edição, percebemos o destaque a um personagem que durante o regime ditatorial tinha grande influência dentro dos jornais: o censor. Responsável por toda e qualquer informação veiculada nos jornais, o censor tinha o poder de vetar os noticiários que não estivessem em consonância com os interesses do governo e grupos particulares associados ao regime.

Neste contexto, a busca por uma identidade política positiva para o regime ditatorial foi a primeira e constante dificuldade dos governos pós-golpe. De Castelo Branco a Costa e Silva as promessas por democracia, diálogo, ordem jurídica estável e reformas estavam ancoradas em uma aposta de desenvolvimento, que passara a ganhar os holofotes com os posteriores resultados do “milagre econômico”<sup>47</sup>. Contudo, ainda não havia um programa estruturado de propaganda oficial voltado especificamente para este fim.

[...] Martelavam-se os slogans otimistas, animando, encorajando, em mensagens positivas e ufanistas: Pra frente, Brasil; Ninguém mais segura este país; Brasil, terra de oportunidades; Brasil, potência emergente. Para os que discordavam, a porta de saída: Brasil, ame-o ou deixe-o.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

<sup>47</sup> REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

<sup>48</sup> Idem, p.56.

Criada durante o governo Costa e Silva, com o objetivo de promover a centralização dos órgãos governamentais de propaganda, que anteriormente realizavam uma política informativa sem nenhuma coordenação entre si, e cujas imagens criadas nem sempre estavam consoantes com o pretendido pelos governos pós-golpe; a Aerp (Assessoria de Relações Públicas) tem sua atuação consolidada durante o governo Médici, quando o Estado se volta para reverter a péssima imagem que a opinião pública guardava do regime, mas que o próprio governo anunciava como um problema de informação.

[...] a sociedade brasileira estava “mal informada” sobre o trabalho que os militares vinham fazendo após a “Revolução” e, para reverter essa visão negativa da sociedade para com o regime, bastaria o diálogo entre o governo e o povo. Tratava-se, portanto, de fazer, junto à população, um trabalho de esclarecimento para por fim à impopularidade do regime militar.<sup>49</sup>

Voltando-se para temas populares como “o carnaval, vestibular, família, futebol, liberdade”<sup>50</sup>; a propaganda da Aerp mostra-se orientada no sentido de uma aparente despolitização dos conteúdos das informações de origem governamental, como destaca Ricardo Martins.

[...] Essa propaganda objetivava amenizar o ambiente de radicalização política vivido principalmente no final do governo Costa e Silva e início do governo Médici e, conseqüentemente, criar uma aparente atmosfera de consenso em torno do “desenvolvimento” econômico daquele período ou, para ser mais preciso, o “milagre econômico”. Desse modo, a propaganda política do governo elaborada pela Aerp pode ser definida, em termos práticos, como uma tentativa de “propaganda política despolitizada”.<sup>51</sup>

Para concretizar o objetivo de “contribuir para o incremento de uma sadia mentalidade de segurança nacional, indispensável à defesa da democracia e à garantia do esforço coletivo no rumo do desenvolvimento”,<sup>52</sup> as estratégias de propaganda centravam-se, primeiramente, na tentativa de negação às práticas coercitivas exercidas pelo regime; buscando, para tanto, a construção de um otimismo com relação ao destino do país, que ligaria diretamente autoritarismo político e desenvolvimento econômico. Além disso, a Aerp fazia uso de uma

<sup>49</sup> MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: a revista manchete durante o governo Médici*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999. Disponível em: <www.arqanalogia.ufscar.br>. Acesso em: 27 dez. 2012. p.76-77.

<sup>50</sup> CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. 3 ed. São Paulo: Summus, 1986. p.33.

<sup>51</sup> MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: a revista manchete durante o governo Médici*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999. Disponível em: <www.arqanalogia.ufscar.br>. Acesso em: 27 dez. 2012. p.81.

<sup>52</sup> CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. 3 ed. São Paulo: Summus, 1986. p.33.

propaganda de conteúdo aparentemente ingênuo e com mensagens de fácil compreensão para a maioria do público, estando menos centrada no governo do que na imagem de “um país forte, dinâmico, seguro, em paz consigo mesmo”;<sup>53</sup> como destaca Ricardo Martins ao evocar a reflexão de Carlos Fico sobre a política de propaganda da Aerp.

[...] a propaganda governamental pretendia se passar por inofensiva, de utilidade pública, o instrumento criador de uma atmosfera de paz, de concórdia, algo que soava enigmático vindo de um regime autoritário: ‘a comunicação [...] está voltada, principalmente, para o estímulo a um estado de espírito. A propaganda oficial do regime tentava levar uma palavra de concórdia, de amor, os críticos do governo estavam a serviço da discórdia e do desamor – espalhavam a tristeza.’<sup>54</sup>

Neste sentido, a Aerp funcionara junto à população como um instrumento de divulgação de uma imagem positiva para o país que vivenciava um modelo econômico autoritário e que convivia com graves problemas sociais, mas se apresentava nos meios de comunicação como um soldado destinado à grandeza e à glória. Contudo, a Aerp não conseguiu ter força suficiente como veículo de propaganda governamental se comparada com a atuação dos meios de comunicação não estatais no mesmo período; o que se deve, na perspectiva de Ricardo Constante, pela constante preocupação dentro do governo, em torná-la um recurso de propaganda explícita do regime, o que poderia trazer à tona a ideia de um novo DIP, o fantasma do populismo combatido pelo regime militar.<sup>55</sup>

Neste cenário, a imprensa privada apresentava-se como a melhor opção ao governo, visto que, além de neutralizar possíveis comparações com o DIP, poderia proporcionar ao regime uma propaganda “favorável” sem ter que responder publicamente por ela.<sup>56</sup>

Reconhecida a importância dos meios de comunicação privados na disseminação de uma propaganda política pelo regime militar, e, principalmente pelo governo Médici, tornava-se necessário ao Estado a criação de mecanismos para controlar a veiculação de informações nos mesmos, inserindo-os nos parâmetros desejados pela ditadura; como destaca Ricardo Martins ao evocar o exemplo da TV Globo.

[...] um exemplo gritante desse controle exercido pelo Estado sobre os meios de comunicação foi o “incentivo” dado pelo regime ao processo de

<sup>53</sup> MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: a revista manchete durante o governo Médici*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999. Disponível em: <www.arqanalogia.ufscar.br>. Acesso em: 27 dez. 2012.

<sup>54</sup> Idem, p.81.

<sup>55</sup> Idem, p.10.

<sup>56</sup> Idem, p.10.

formação e estruturação da Rede Globo de Televisão que, posteriormente, passou a ser um dos canais de comunicação no Brasil que mais apoiaram o projeto elaborado pelos golpistas de 1964.<sup>57</sup>

Neste sentido, tem-se uma política de concessões ou registros para a atuação de emissoras de televisão, jornais, revistas, além de uma infraestrutura tecnológica para o desenvolvimento de telecomunicações, “facilidades” que, de um lado promoviam a ampliação das bases materiais dos meios de comunicação do Brasil, mas por outro lado, afirmava o controle do Estado militar tanto no âmbito econômico quanto político, ao tornar-se o provedor deste desenvolvimento cultural, destaque de Renato Ortiz.

[...] O movimento cultural pós-64 se caracteriza por duas vertentes que não são excludentes: por um lado se define pela repressão ideológica e política; por outro, é um momento da história brasileira onde mais são produzidos e difundidos os bens culturais. Isto se deu pelo fato de ser o próprio Estado autoritário o promotor do desenvolvimento capitalista na sua forma mais avançada.<sup>58</sup>

Atrelada ao mastro do regime militar, a Televisão tornava-se um instrumento privilegiado da propaganda política, visto que detinha em seu bojo as características essenciais para impor-se como verdade no seio da população. Além da “credibilidade”, que era uma decorrência do fato do governo supostamente não influenciar ou mesmo impor os conteúdos veiculados; o uso da televisão como meio de propaganda do Estado isentava o governo de qualquer responsabilidade e as informações ainda se apresentariam à sociedade como uma demonstração de apoio ao regime, manifestada através de um serviço de esclarecimento prestado à nação por parte da imprensa “imparcial”.<sup>59</sup>

A televisão passa a ser o meio de ligação entre o público e o governo, mostrado positivamente através do enfoque aos projetos de impacto, como a construção da Transamazônica e o PIS (Plano de Integração Social), ou qualquer ação do governo que devesse ser legitimada. No governo Médici, destacava-se a atuação da TV no sentido de propagar uma imagem popular, humana, paterna do general em questão.<sup>60</sup>

<sup>57</sup> MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: a revista manchete durante o governo Médici*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999. Disponível em: <www.arqanalogia.ufscar.br>. Acesso em: 27 dez. 2012. p.15.

<sup>58</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001. p.114-115.

<sup>59</sup> MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: a revista manchete durante o governo Médici*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999. Disponível em: <www.arqanalogia.ufscar.br>. Acesso em: 27 dez. 2012. p.92-93.

<sup>60</sup> CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. 3 ed. São Paulo: Summus, 1986.

[...] “Lágrimas e Turbinas” – De repente turbinas e represas surgirão no vídeo diante da ingênua espectadora que ainda chora pelo amor incompreendido da “Gata de Vison”. Uma voz explicará: “Em quatro anos, o Governo está duplicando a capacidade energética do Brasil”. Em outra emissora, enquanto ainda houver risos pela última careta do Golias, surgirão na TV mapas e paisagens selvagens. E a mensagem: “O Exército está garantindo a soberania do Brasil sobre a Amazônia, ocupando-a militarmente e desafiando a cobiça internacional”. Esses flashes de surpresa devem somar até dez minutos por noite e é a Agência Nacional que vai produzi-los e distribuí-los. Um decreto presidencial já em preparo abrirá a TV para a divulgação das obras do Governo. “O Show dos Três Minutos”.<sup>61</sup>

Como visto anteriormente, as propagandas veiculadas nos meios de comunicação tinham um caráter aparentemente “despolitizante”, o que fica nítido em relação ao rádio, utilizado pela população de baixa renda, e à TV, principalmente quando se pensa na campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo do México em 1970, uma conquista utilizada vivamente nos programas televisivos para disseminar a imagem de um país de futuro promissor que “floresce” com o regime militar, tendo em vista que na década em questão o crescimento econômico possibilitara a classe média comprar mais aparelhos televisivos.<sup>62</sup>

Neste cenário cujo pano de fundo é a colaboração entre governo militar e órgãos televisivos, deu-se a consolidação de um meio de informação que contrariamente a década anterior (50), expandiu-se de forma a tornar-se um dos principais meios de comunicação do Brasil, como destaca Renato Ortiz.

[...] Com o investimento do Estado na área de telecomunicação, os grupos privados tiveram pela primeira vez a oportunidade de concretizarem seus objetivos de integração no mercado. Como dirá um executivo: “A televisão, por sua simples existência, prestou um grande serviço à economia brasileira: integrou os consumidores, potenciais ou não, numa economia de mercado.” Para isso foi necessário um incremento na produção de aparelhos, na sua distribuição, e a melhoria das condições técnicas. Como o videoteipe, a transmissão em cores, a edição eletrônica, este último ponto pode se garantir. Quanto à produção de aparelhos, já em 1970 ela era de 860 mil unidades [...]<sup>63</sup>

<sup>61</sup> LÁGRIMAS e turbinas. *Veja*. 27 nov. 1968. Divulgação da atuação da Aerp.

<sup>62</sup> MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: a revista manchete durante o governo Médici*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999. Disponível em: <[www.arqanalogia.ufscar.br](http://www.arqanalogia.ufscar.br)>. Acesso em: 27 dez. 2012.

<sup>63</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001. p.128-129.

Ao voltar nosso olhar para a capital piauiense, na década de 1970, tal cenário ganha forma e contornos sinuosos, tendo em vista a relação estabelecida entre imprensa e Estado a partir da posse de Alberto Silva (1971-1975) e Joel Ribeiro<sup>64</sup> (1971-1975), administradores de uma realidade embevecida pelas possibilidades de inserção da economia piauiense no dinamismo nacional trazido a cabo pelos governos militares e que alcançou uma posição privilegiada na própria constituição dos projetos políticos dos dirigentes. Situação semelhante pode ser percebida com a mudança na administração pública

Aderindo ao entusiasmo coletivo proporcionado pelo desenvolvimento econômico, boa parte da imprensa escrita teresinense passa a se posicionar de forma a defender as prerrogativas ditas “democráticas” do governo militar, apresentado como o guia na construção de uma nova realidade a inserir Teresina no estágio de desenvolvimento vivenciado por outras capitais do país. Em jornais como *O Dia*, que aderiu ao novo regime no calor da hora, a ditadura militar, em todas as atribuições, lança-se como batalhão de defesa dos preceitos democráticos, cabendo à sociedade e à própria imprensa o dever de aceitar e unir-se em combate contra as formas “desviantes” de concepção da realidade.<sup>65</sup>

[...] Esta é a nossa grande oportunidade histórica de evoluir pacífica e democraticamente no rumo de melhores dias. Não basta construir a nação para meia dúzia, sorridente com a Bôlsa em alta, e o crediário acessível. Não vamos entregar de mão beijada, para a subversão em desespero, os ideais mais puros de redenção nacional. Luta contra os privilégios, distribuição equitativa da renda social, terra para todos, nacionalismo autêntico, mercado de trabalho em expansão devem ser os lemas de todos os patriotas preocupados com o progresso de sua terra. Vamos agir, temos tudo para ser uma grande e poderosa nação, livre, justa e pacífica. É só querer.<sup>66</sup>

Sob o olhar do editorial do jornal “O Dia” o regime ditatorial apresenta-se como a verdadeira “revolução”, aquela que trouxera sem “alardes de violência” a mudança de ideias, costumes e iniciativas, o que contradiz, de forma explícita, as ações repressivas executadas principalmente no governo de Médici. Nesse quadro, os humildes seriam a parcela da população a ser privilegiada pelas iniciativas governamentais, o que se enquadraria como

<sup>64</sup> Filho de Horácio da Silva Ribeiro e Maria de Sá Ribeiro. Aluno da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, onde chegou em 1951 a aspirante de oficial da arma de engenharia e no ano seguinte transferiu-se para o Rio Grande do Sul onde permaneceu seis anos. Graduado em Engenharia Civil e Engenharia Militar pelo Instituto Militar de Engenharia em 1962, com pós-graduação em Engenharia Rodoviária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano seguinte. De volta ao Nordeste, filiou-se à ARENA em 1966 e estreou na política ao ocupar o cargo de prefeito de Teresina (1971-1975) durante o primeiro governo Alberto Silva.

<sup>65</sup> ALMEIDA, Kllaricy Oliveira. Faces do espelho: pobreza e modernização no discurso da imprensa teresinense na primeira metade da década de 1970. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VIANA, Débora Silva; LIMA, Albert Aurélio. *Teresina em foco: História, cidade e memória*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2012. p.122-123.

<sup>66</sup> OPORTUNIDADE histórica. *O Dia*. Teresina-Piauí, n. 3223/18 fev. p. 3, 1971.

causa para o renascimento do Piauí, visto sob novos olhos como um “gigante adormecido”, cujas qualidades latentes e desconhecidas estariam na iminência de eclodirem numa epopeia de possibilidades.<sup>67</sup>



Fotografia 4: Êste é o mais novo endereço do Piauí: progresso.

Fonte: Jornal *O Estado*, 20 jun. 1972, p.3. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Propagar a chegada do pretendido “progresso” tornou-se uma constante nos periódicos, que produziam trabalhos gráficos cada vez mais detalhistas e chamativos, o que fora possível graças aos investimentos e apoio do próprio governo na compra de novos equipamentos. A ajuda financeira conseguida pelo Estado com o chamado “milagre econômico” transformou o fazer jornalístico, contudo, em mitos casos, podou o trabalho de reflexão e crítica dos editoriais, que passaram a se vincular ideologicamente com o projeto político defendido e posto em prática pelos administradores públicos.

Na fotografia 1 percebemos a associação entre Piauí e desenvolvimento industrial a partir do uso das imagens do mapa do estado e das chaminés de uma indústria em estágio de produção. O progresso, base do slogan da propaganda, desta forma também liga-se ao processo de industrialização, este colocado como uma das bases do programa de governo de Alberto Silva.

Entretanto, ao destacar a industrialização como um processo desenvolvido com eficácia em solo piauiense, a propaganda agregada no jornal “O Estado” acaba por esbarrar numa realidade oposta; sendo que o Piauí não conseguiu atingir o patamar desejado em

<sup>67</sup> ALMEIDA, Kllaricy Oliveira. Faces do espelho: pobreza e modernização no discurso da imprensa teresinense na primeira metade da década de 1970. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VIANA, Débora Silva; LIMA, Albert Aurélio. *Teresina em foco: História, cidade e memória*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2012. p.122-123.

relação à instalação de um polo industrial de ponta, capaz de se comparar as principais capitais brasileiras e deixar o passado rural de lado.



Fotografia 5: TELEPISA: integrou o Piauí ao Brasil.

Fonte: Jornal *O Dia*, 14 mar. 1971, n. 3242. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Já na fotografia 5 temos em destaque o trabalho de integração do Piauí com o Brasil a partir das telecomunicações. A TELEPISA, órgão que gerenciava a telefonia no estado, assume o posto de garoto propagando do governo, na medida em que o telefone torna-se produto de consumo da sociedade tida como moderna, ou seja, aquela parcela da população que podia se comunicar via telefonia poderia se considerar interligada com o Brasil e parte de um processo de aceleração das informações e das distâncias. O telefone, as assistentes de telemarketing trabalhando a pleno vapor, um consumidor realizando uma ligação na comodidade de sua residência, antenas da TELEPISA instaladas e em pleno funcionamento; todas essas imagens juntas representam uma nova forma de consumir na cidade moderna, marcada pelo desenvolvimento técnico.



Fotografia 6: AGESPISA

Fonte: Jornal *O Dia*, 14 mar. 1971, n. 3242. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Na fotografia 6 temos outro órgão propagandeado pelo governo como marca do desenvolvimento do projeto de águas e esgotos na capital. A AGESPISA traria, na perspectiva das autoridades públicas, o fim dos velhos problemas enfrentados pelos moradores teresinenses em relação à falta de água e os esgotos a céu aberto, o que na prática não ocorreu, na medida em que os bairros mais periféricos não foram atingidos pelos benefícios de uma água limpa e de qualidade que chegasse diretamente a suas casas.

Ao tratar o processo de modernização dos equipamentos do setor gráfico dos jornais teresinenses, o jornal *O Estado* decreta a morte dos equipamentos tradicionais e apresenta o sistema “off-set” que, utilizado em quase todas as capitais brasileiras, passaria a fomentar o desenvolvimento do jornalismo em terras piauienses com a implantação dessa nova técnica pelos periódicos *O Estado* e *Jornal do Piauí*.<sup>68</sup>

Pela primeira vez se verifica no Piauí o funcionamento de um Governo constituído de homens que formam um conjunto homogêneo, comprometidos não apenas com um setor determinado da pública administração estadual, mas, ao contrário, preocupados com o objetivo comum de realizar tarefas administrativas que se completam e se ajustam. Não será demais afirmar-se que a inspiração de tal sistema de ação em equipe nos venha do Governo Federal, em que Ministérios apresentam

<sup>68</sup> ALMEIDA, Kiliaricy Oliveira. *Filhos bastardos do progresso: pobreza e discurso na imprensa teresinense na primeira metade da década de 1970*. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2011.p.28.

perfeito relacionamento, como partes de um todo, caracterizado pela unidade de fins e propósitos.<sup>69</sup>

A ideia ufanista de unidade se apresenta, ao nível do discurso, como a base de ação dos governos militares. Na perspectiva de Renato Ortiz a noção de integração torna-se premissa para toda uma política voltada a coordenar as diferenças, submetendo-as aos chamados Objetivos Nacionais. Neste sentido, apresenta-se um problema: como integrar as diferenças regionais no interior de uma hegemonia estatal? O próprio autor delibera que o conceito de integração nacional visa resolver esta questão.

O conceito de integração nacional forjado pela ideologia de Segurança Nacional e aplicado ao período que estamos estudando procura, no nível do discurso e da prática, resolver esta questão. Ao definir a integridade nacional enquanto “comunidade”, o manual da Escola Superior de Guerra retoma os ensinamentos de Durkheim e mostra a necessidade da cultura funcional como cimento de solidariedade orgânica da nação.<sup>70</sup>

Aos estados da federação caberia, para tanto, a obrigação de integrar-se a este sistema de ação, que se apresentava como a solução para as crises instauradas nos governos e os conflitos de interesse. A ideia de afastar possíveis “inimigos internos”, também presente no manual da Escola Superior de Guerra, tornava-se um ato democrático e necessário ao bem-estar da população, a quem caberia o trabalho de vigilância.

Enquanto “soldados democratas” a prática da vigilância torna-se aceitável contra àqueles que fogem à regra e passam a se opor e denunciar os abusos cometidos pelo regime e que, respaldados pelo “milagre econômico” tornavam-se apenas “corretivos enérgicos” em benefício de uma transformação duradoura, como salienta o próprio presidente Médici em mensagem de ano novo transcrita pelo jornal “O Dia” em 7 de janeiro de 1971.

MAS CABE AOS democratas: (1) não desconhecer os riscos decorrentes das táticas totalitárias; (2) manter a vigilância para evitar que o excesso de zelo na luta antitotalitária acabe entregando o Estado ao quase domínio das preocupações com a segurança o que acarreta obviamente a esterilização de inúmeras atividades criadoras sem as quais define a democracia. E, assim, a luta mal dosada contra o totalitarismo acaba gerando condições propícias ao nascimento de outro totalitarismo.<sup>71</sup>

<sup>69</sup> NESTE governo todos só querem trabalhar. *O Estado*. Teresina-Piauí, ano XX, s/n, p. 1, 25 abr. 1971.

<sup>70</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006. p.82.

<sup>71</sup> MENSAGEM de Médici. *O Dia*. Teresina-Piauí, n.3187, p.3, 7 jan. 1971.

Em síntese, o sistema de propaganda política implantado no Brasil no período da ditadura militar teve como principais divulgadores os meios de comunicação privados, entre os quais se destacamos a atuação da TV, em âmbito nacional, como disseminadora do projeto de segurança nacional e de desenvolvimento econômico vinculado ao capital estrangeiro, tornando-se a “queridinha” do regime autoritário ao apresentar em rápidos flashes uma imagem de país promissor, que se adequava as pretensões do governo; e os jornais, que no cenário teresinense adeririam, em grande medida, ao colaboracionismo e a autocensura.

A relação dos militares com a imprensa teve [...] uma outra face. Ao mesmo tempo em que censuravam matérias e interferiam no conteúdo da informação, os governos militares financiavam a modernização dos meios de comunicação. Isso explica porque, para eles, essa modernização era parte de uma estratégia ligada à ideologia da segurança nacional. A implantação de um sistema capaz de “integrar” o país era essencial dentro de um projeto em que o Estado era entendido como centro irradiador de todas as atividades fundamentais em termos políticos.<sup>72</sup>

As afirmações de Alzira Alves de Abreu se confirmam nas ações empreendidas pelos governos militares como “[...] a criação da Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicações, [...] em setembro de 1965 e deu início à instalação da rede básica de telecomunicações, implantando o sistema de microondas em visibilidade e em tropodifusão na Amazônia [...] Em 1965 foi também criado o Ministério das Comunicações, e em 1972 a Telebrás, Telecomunicações Brasileiras S/A, empresa pública federal responsável pela coordenação dos serviços de telecomunicações em todo o território nacional”<sup>73</sup>.

Nesse momento, ainda, se tem o nascimento do jornalismo econômico como conhecemos atualmente e que ganhou força diante das pressões de censura, tendo em vista que o início dos anos 70 representa um endurecimento do regime, que causara a substituição dos noticiários políticos pelos econômicos ou notícias internacionais. Na perspectiva de Alzira Alves de Abreu esse jornalismo também era uma forma eficiente de divulgação da política econômica do regime, que utilizava os ganhos financeiros como tentativa de legitimação de um estado mantido através da força.

Até os anos 70, o noticiário econômico era essencialmente financeiro ou comercial, voltado para informações práticas: cotação da bolsa, informações sobre câmbio, entrada e saída de navios, preços e produção de produtos agrícolas. Quando outros temas apareciam, não vinham acompanhados de

---

<sup>72</sup> ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p.15.

<sup>73</sup> ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p.16.

análise, pois não existia um grupo de jornalistas especializados em assuntos econômicos dentro das redações.<sup>74</sup>

Neste palco, televisão e jornais, apresentaram os espetáculos que passaram a ter a cara e o tom de uma marcha obrigatória e silenciosa, cujos únicos sons aceitos não passavam de simples continência. O que não significa dizer que não tivemos uma imprensa engajada na tentativa de esclarecer a população quanto à violência imposta pelo regime àqueles de se colocavam como opositores e que defendiam o retorno da liberdade de expressão no país.

Um exemplo dessa tentativa foi o jornal *Correio da Manhã*, já mencionado anteriormente; que discutiu a posição e as ações do regime tido como “revolução democrática” desde o golpe em 1964. Contudo a postura do jornal fica clara ao apresentar na primeira página da edição de 3 de maio de 1964 a carta escrita a próprio punho do política Leonel Brizola, escondido por medo de ser preso pelos órgãos do regime. Mesmo sendo antigo opositor da política de Brizola, quando ainda era prefeito de Porto Alegre, os dirigentes do jornal decidem expor a carta.

Ao CORREIO DA MANHÃ – Rogo ao CM a publicação desta. Encontro-me no interior do país. Percorri milhares de quilômetros. Centenas e centenas de casas e ranchos. Onde chego sou recebido como um filho. Todos sabem que o governo mudou e que agora são os generais, grandes fazendeiros e comerciantes, e, os velhos políticos que estão mandando. Todos sabem que a vida para o operário, o agricultor e o camponês vai ser dura e que pretenderão resolver a crise nas suas costas. [...] Sabem que eu não sou comunista e não acredito nesta história de comunismo. Quanto a mim, depois de tudo que fizeram à minha família, (invadiram e depredaram a minha casa) o que me resta senão o exílio e a luta clandestina? [...] Caíram as máscaras.<sup>75</sup>

O editorial em noticiário anterior já havia demonstrado temor em relação às atitudes violentas tomadas pelo regime, que se encontrava sob a liderança de Castelo Branco, quanto a invasão da privacidade do lar sob uso de força e depredação do patrimônio particular de Leonel Brizola. E a apresentação desta carta soa como uma resposta aos temores de que a “revolução democrática” poderia não o que a população esperava.

### *3.1 Projeto Piauí na imprensa escrita teresinense: planos para o “gigante adormecido”*

<sup>74</sup> ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p.21.

<sup>75</sup> BRIZOLA: só me resta o exílio. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro-RJ. Acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional. Ano LXIII. 03 maio 1964.

Afinal, o que é o Projeto Piauí<sup>76</sup>? Esta fora a pergunta mais discutida nos periódicos teresinenses analisados nesta pesquisa, no início da década de 1970, com a instauração de um novo governo liderado por Alberto Silva. As respostas positivas logo tomaram páginas inteiras nos jornais de grande circulação, que passaram a formar um coro de otimismo quanto aos planos elaborados pelo político a partir da “tese de desenvolvimento global participativo” de autoria do antropólogo João Ribeiro, desenvolvida desde 1968, e citada pelo diretor da Universidade de Harvard como sendo “o modelo de desenvolvimento adequado à América Latina”.

É o esforço e a lucidez de propósitos do Governo Alberto Silva. É o Comando do IV Exército, cada vez mais entrosado com o povo e preocupado com o desenvolvimento do Nordeste. Enfim, é toda a gente piauiense, unida, esclarecida e treinada para traçar, definitivamente, com suas próprias mãos, o rumo do seu próprio desenvolvimento.<sup>77</sup>

O projeto e o próprio discurso jornalístico chama a atenção para o entrelaçamento de toda a população unida para pôr em prática as etapas do “Projeto Piauí”, que de início contava com recursos no valor de 1 milhão de cruzeiros, contudo em seu bojo as elites da capital são promovidas como “faixa da comunidade em melhores condições de dar sua contribuição”, ao passo em que a “perfeita” integração entre elites e bases governistas passa a ser privilegiada em benefício da concretização dos projetos e programas idealizados.

Projeto Piauí: má fé ou ignorância? Compreender e aceitar os objetivos e as etapas que deveriam ser percorridas de acordo com o Projeto Piauí para o desenvolvimento do Estado foram tarefas difíceis, senão impossíveis para a maior parte da população e da própria

---

<sup>76</sup> Após entendimentos entre os Ministros Reis Veloso, do Planejamento, Jarbas Passarinho da Educação e o Governador Alberto Silva foi assinado o Convênio entre os dois Ministérios e o Governo do Estado do Piauí, criando o Grupo Tarefa Interministerial – Projeto Piauí, integrado inicialmente por nove técnicos e coordenado pelo próprio autor do projeto, professor João Ribeiro. Tomada por base a divisão do Estado pelo IBGE em onze microrregiões homogêneas, o Grupo Tarefa atuaria em oito delas, sendo a primeira Teresina e as demais Parnaíba, Floriano, Campo Maior, Picos, São Raimundo Nonato, Bom Jesus e Correntes. Numa segunda etapa seriam atingidas Valença, Amarante e Uruçuí. Nestas cidades, Polos de Irradiação de Desenvolvimento, seriam instaladas sedes de Centros de Desenvolvimento Integral Participativo Microrregional. Os técnicos de comportamento do Projeto Piauí – dois antropólogos, uma assistente social, um especialista em Recursos Humanos e um técnico em Comunicação - treinariam as lideranças (institucionais ou não institucionais) de cada comunidade encontrada, no sentido de que elas mesmas fizessem o levantamento e a identificação dos recursos e carências por Sistema Social, usando para tanto, a metodologia da dinâmica de grupo. Os sistemas que compõem o universo social, segundo esta matriz são: parentesco, sanitário, lealdade, educação, econômico, lazer, religioso, segurança, político, jurídico e valorização social. Por universo social entende-se para efeito de análise, tanto o indivíduo, em si, como os grupos humanos, aos níveis de bairros, municípios, microrregiões e Estado. O diagnóstico obtido ao fim desse levantamento forneceria metas que deveriam ser ordenadas de acordo com a viabilidade e prioridade, partindo-se daí para a elaboração de projetos específicos ainda pela própria comunidade treinada.

<sup>77</sup> AFINAL, o que é o Projeto Piauí? *O Estado*. Teresina-Piauí, ano XX, p.4, 15/16 ago 1971.

imprensa que não vislumbrava futuro no engenhoso projeto. O slogan, nas palavras do próprio João Ribeiro, “Projeto Piauí visa primeiro o homem”, não foi absorvido da maneira como seus idealizadores desejavam, mesmo com o apoio de editoriais como “O Dia”, “O Estado” e a “A Tribuna”, que nos anos iniciais de governo de Alberto Silva voltaram todos seus esforços na tentativa de reunir a população em torno do programa de governo lançado sob novos paradigmas.

Muitas vezes se manifesta a má fé, a má vontade, o menosprezo, o mais das vezes, porém, o que avulta é a ignorância dos que, não assimilando os valores da mudança social, tomam atitudes irracionais e injustas, emocionais e primárias. Justificamos a ignorância, mas não admitimos a má fé, que é atitude malévola dos que não se colocam à altura dos acontecimentos. Assim, esperamos que os jornalistas piauienses demonstrem um espírito aberto e amplo quanto aos objetivos e mensagens do Projeto Piauí.<sup>78</sup>

Neste clima de dúvida e rivalidades Alberto Silva lança seu plano de metas, cujas bases centravam-se na agricultura, assistência social, saúde, educação e obras públicas voltadas para o desenvolvimento do turismo no estado. O governo, de acordo com o editorial do jornal “O Dia”, orçava em 25 milhões os recursos a serem aplicados na renovação da paisagem do Piauí, o que espalhou de otimismo os discursos jornalísticos, cujas narrativas passaram a colocar em pauta o apelo a participação popular ao programa de governo e às medidas intervencionistas aplicados pelas autoridades públicas no sentido de modernizar o espaço urbano.

O Governador eleito, Alberto Silva, tem afirmado, com muita ênfase, que vai desenvolver a indústria do turismo no Estado, com a finalidade de carrear divisas que possam ajudar o nosso desenvolvimento econômico e social. Matéria-prima para desenvolvermos este ramo de comprovada lucratividade, o Piauí a tem. Não fica localizada apenas, nas já famosas Sete Cidades, em Piracuruca. Mas também, ao longo do Parnaíba, que ganha beleza ímpar, no quadro emoldurado pelo encontro com o Poti em Teresina.<sup>79</sup>

O turismo foi um tema debatido e defendido pelo então governador do estado, que em discurso de justificativa para a criação do Conselho Piauiense de Turismo (CONPITUR) e a Empresa de Turismo do Piauí (PIEMTUR) apresentado em mensagem a Assembleia Legislativa<sup>80</sup> já deixava claro suas intenções de interligação da capital piauiense às demais cidades vizinhas, seja por meio de linhas aéreas, com aviões de propulsão a jato, seja pela comunicação via serviços de microondas.

<sup>78</sup> PROJETO PIAUÍ: má fé ou ignorância? O Estado. Teresina-Piauí, ano XX, p.2, 20 ago 1971.

<sup>79</sup> TURISMO. O Dia. Teresina-Piauí, nº3509, 30 dez 1971.

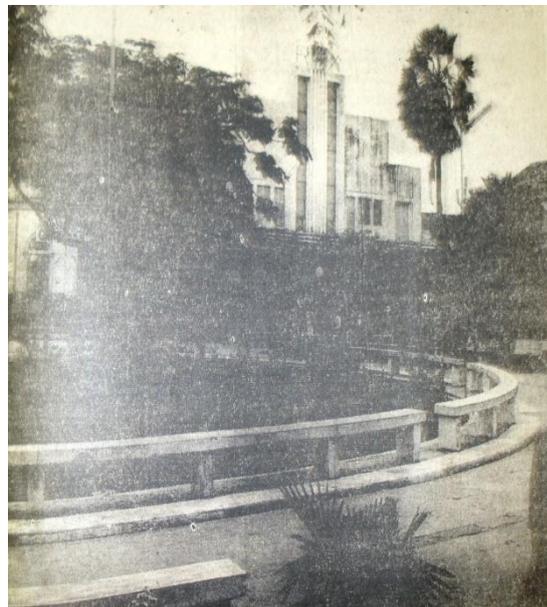
<sup>80</sup> GOVERNO define a política de turismo. O Dia. Teresina-Piauí, nº 3219, 15 maio 1971.

Na verdade, há muito que se acha ultrapassado o conceito de turismo como simples recreação. Com efeito, alia-se atualmente à tendência natural do homem de conhecer novos países e regiões, à necessidade de intercâmbio e contatos diretos para fins de comércio, de cultura ou outros ligados a diversos interesses humanos.<sup>81</sup>

Ao colocar em prática seu plano de metas, Alberto Silva mostrou-se mais aberto às mudanças urbanísticas das áreas centrais da capital, com vistas à divulgação do processo modernizador piauiense em cenário nacional e atração de turistas, do que à inserção da população pobre em programas assistenciais que beneficiassem setores como educação, saúde e moradia; postos em segunda ordem no quadro de objetivos elencados para seu governo.



Fragmento interno da linha férrea que liga Teresina ao Piauí, sendo que esta foto por ser o Rio Farnalba na ponte Governador João Lúcio Pereira.



Fotografia 7 e 8: Turismo: Teresina pede passagem

Fonte: Jornal *O Dia*, 26 maio 1971, n. 3299. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito

Enquanto a cidade tornava-se um canteiro de obras de revitalização e embelezamento de praças, avenidas e prédios públicos acumulavam-se agruras na zona periférica, onde a população usava de suas próprias forças para construir um local de moradia em loteamentos invadidos ou conjuntos habitacionais sem as mínimas condições de salubridade. O “gigante adormecido” parecia despencar sobre os próprios pés, inebriado pela beleza passageira conseguida com simples maquiagem.

Como pode ser percebido nas fotografias 7 e 8, respectivamente, focalizadas em sentido frontal e ascensional, o enquadramento está voltado para destacar características como amplitude, monumentalidade e luminosidade. Além de serem dois cartões-postais

<sup>81</sup> GOVERNO define a política de turismo. *O Dia*. Teresina-Piauí, nº 3219, 15 maio 1971.

apresentados à cidade, as fotografias se desdobram em seduzir o leitor; seja ao ver a conhecida “Ponte Metálica”, marca do avanço técnico do período, ou pela beleza da arborização da Praça Pedro II, que se torna irresistível e chama a população a visitar e consumir a cidade “revitalizada”.

Entretanto, esse consumo não era direcionado a toda parcela da população, já que a presença nesses ambientes reformados era uma forma de distinguir a “boa sociedade”. O que não restringia o uso desses locais em horários diferenciados pela parte marginalizada dos cidadãos. A noite era o período em que se podia encontrar prostitutas, mendigos, homens á procura dos prazeres noturnos.

Podemos dizer que o Projeto Piauí deu certo? Certamente, o governo conseguiu realizar inúmeras obras na cidade de Teresina, como visto anteriormente, graças aos recursos federais advindos do convênio assinado entre os Ministros Reis Veloso, do Planejamento, Jarbas Passarinho da Educação e o Governador Alberto Silva (Grupo Tarefa Interministerial – Projeto Piauí); mas a ideia inicial de colher informações das comunidades com pesquisadores de várias áreas para, assim, propor mudanças e desenvolver projetos direcionados ao bem-estar social não obteve o resultado esperado e este se tornou motivo de achincalhe por parte da imprensa local e pelos opositores do governo.

## CAPÍTULO 4: QUE TERESINA DESEJAMOS? CIDADE E REPRESENTAÇÃO NA ESCRITA JORNALÍSTICA

As possibilidades de diálogo entre Imprensa escrita e História apresentam-se latentes ao trabalho do historiador, na medida em que os editoriais se colocam em posição de apontar reflexões sobre o seu próprio fazer e as relações estabelecidas com a sociedade, colocando-se como porta-vozes e críticos balizados de determinado período histórico. Contudo a análise dos discursos produzidos deve ater-se as faces sinuosas de um cenário motivado por conflitos de interesses e ideias.

[...] a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional.<sup>82</sup>

Ao evocarmos tal premissa em relação aos periódicos que circulavam em Teresina na década de 1970 percebemos a preocupação dos editoriais em apresentar o jornalista como agente imparcial na história, capaz de ser onipresente a todos os fatos e, assim, apresentar ao seu leitor a “verdade” dos acontecimentos. Em um cenário de ditadura militar esta hipótese ganha força, tendo em vista que grande parte da imprensa escrita local aceitou a autocensura e resvalou para o colaboracionismo, principalmente os jornais que foram beneficiados em troca de apoio político<sup>83</sup>.

[...] Aos jornais compete a tarefa de registrar a história no exato momento em que os fatos ocorrem. Impõe-se também a interpretação e colocação desses fatos no tempo e no espaço. Para fazê-lo é necessário mais do que a simples sensibilidade profissional dos homens que labutam nos jornais, rádios e televisões. É urgente e inalienável gama de cultura e conhecimentos. Os que não os tem, resvalam, fatalmente, para o condenável jornalismo do achincalhe, da agressão pessoal e da intimidação. [...] Desfiguram os elevados sentidos da imprensa e transformam os órgãos que dirigem em simples retrato de sua alma<sup>84</sup>

<sup>82</sup> MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.8.

<sup>83</sup> ALMEIDA, Kllaricy Oliveira. *Filhos bastardos do progresso: pobreza e discurso na imprensa teresinense na primeira metade da década de 1970*. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2011.p.11.

<sup>84</sup> TRATAMENTO certo. Jornal *O Dia*. Teresina-Piauí, 7 jan 1971.

O editorial do jornal “O Dia” assume, neste sentido, um posicionamento de liderança no combate ao que define como “condenável jornalismo do achincalhe”. O que ao primeiro olhar pode apresentar-se como uma defesa dos princípios éticos da profissão, neste contexto se insere como a própria prática condenada, tendo em vista que ao se colocar em condições superiores de cultura e conhecimento acaba por produzir um cenário de conflito e de diferenciação entre a imprensa de apoio e de oposição ao governo local e à estrutura ditatorial imposta.

Nesta perspectiva o editorial do jornal “O Dia” se coloca na posição de intelectuais capacitados não apenas pelo que é chamado de “sensibilidade”, mas pelo conhecimento; o que tornaria cada reportagem editada não apenas relatos de acontecimentos, mas a verdade insuperável dos fatos vistos, lidos e repassados ao leitor de forma totalmente imparcial e acima de qualquer suspeita. Tal premissa em si já resvala no falseamento, tendo em vista a constante presença da subjetividade, dos interesses e escolhas daquele que escreve.

A imprensa é levada, às vezes, a se desviar da rota a que se traçou para aplicar corretivos enérgicos àqueles que não sabem dignificar a nobre e difícil tarefa de informar a opinião pública. Somos daqueles que acreditam na imprensa como tambor de ressonância das aspirações populares. De instrumento dedicado única e exclusivamente, a difundir cultura. Fora disso não se faz comunicação, dentro do rigor do termo.<sup>85</sup>

Enquanto “soldados da imprensa elevada”, termo utilizado pelo editorial do jornal “O Dia”, a prática da intimidação torna-se aceitável contra àqueles que fogem à regra e passam a se opor e denunciar os abusos cometidos pelo regime e que, respaldados pelo “milagre econômico” tornavam-se apenas “corretivos enérgicos” em benefício de uma transformação duradoura, como salienta o próprio presidente Médici em mensagem de ano novo transcrita pelo jornal “O Dia” em 7 de janeiro de 1971.

[...] PENSO QUE RESULTADOS assim tão alvissareiros não se justificam apenas no ano que hoje termina e muito menos decorrem da ação deste Govêrno, pois convencido estou de que começamos a colher agora o que plantaram as transformações políticas e sociais feitas no Brasil desde 1964.<sup>86</sup>

Esta perspectiva de colaboração ao regime torna-se uma constante nos editoriais<sup>87</sup> abordados nesta pesquisa, principalmente no que tange aos posicionamentos sobre o processo

<sup>85</sup> TRATAMENTO certo. Jornal *O Dia*. Teresina-Piauí 7 jan 1971.

<sup>86</sup> MENSAGEM de Médici. Jornal *O Dia*. Teresina-Piauí, p.3, nº3187, 7 jan 1971.

<sup>87</sup> *O Dia* foi fundado no início dos anos 50 por Raimundo Leão Monteiro, quando passou a circular duas vezes por semana, nas quintas-feiras e nos domingos. Só na década de 1960 o jornal passou para a edição do Cel. Otávio Miranda. *O Estado* foi dirigido pelo jornalista Helder Feitosa. Entre seus colaboradores, destaca-se o

de modernização que ganha forma na década de 1970 sob direção dos governos municipal e estadual que atuaram na administração pública no período destacado. Neste sentido, a cidade de Teresina em suas múltiplas faces é apresentada como objeto de variadas escritas que, dotadas de sentido, recriam o tempo e o espaço.

[...] Às cidades reais, concretas, visíveis, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, correspondem outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem. Obra esta que ele não cessa de reconstruir pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades.<sup>88</sup>

No âmbito dos discursos produzidos sobre Teresina Francisco Alcides do Nascimento já destaca a ideia de conflito ao pesquisar meados do século XX, período em que essa capital, num movimento similar ao ocorrido em outras cidades do mesmo porte, passou por múltiplas e variadas intervenções arquitetônicas e espaciais; na medida em que ao se remeter às múltiplas cidades contidas em Teresina, o autor considera que a multiplicidade é reduzida ao uno. A cidade projetada, desejada e desejável, expressa tanto pelos administradores quanto, especialmente, pelos cronistas que atuavam nos seus principais jornais do período é posta, assim, como cenário privilegiado.<sup>89</sup>

Contudo, ao analisarmos as representações produzidas por editoriais como “O Dia” e “O Estado” na década de 1970 percebemos um embate entre duas formas opostas de dizer a cidade. De um lado a “cidade do frenesi”, embevecida pelas mudanças urbanísticas provocadas pelo projeto de modernização posto em execução ainda na primeira metade da década pelos governos de Joel Ribeiro (prefeito) e Alberto Silva (governador), e consolidado na administração de Dirceu Arcoverde (governador) e Wall Ferraz (prefeito). De outro a “cidade da multidão empobrecida”, que se amontoava nas vielas do centro urbano de Teresina vindas de outros estados e municípios do Piauí, desejosa por uma vida melhor, esta propagandeada pelos veículos de comunicação não como sonho, mas realidade a ser vivenciada na capital com ares de metrópole.

Ao analisar o banquete orfeônico que a modernização imprimiu a São Paulo e sua sociedade nos anos 1920, Nicolau Sevckenko já destacava o entusiasmo apresentado pelos jornalistas paulistas em suas crônicas inebriadas pelo “espetáculo do progresso” que tornaria

---

Arcebispo Dom José Freire Falcão. Este foi o primeiro periódico piauiense a circular em edição extra, quando da posse do governador Alberto Silva.

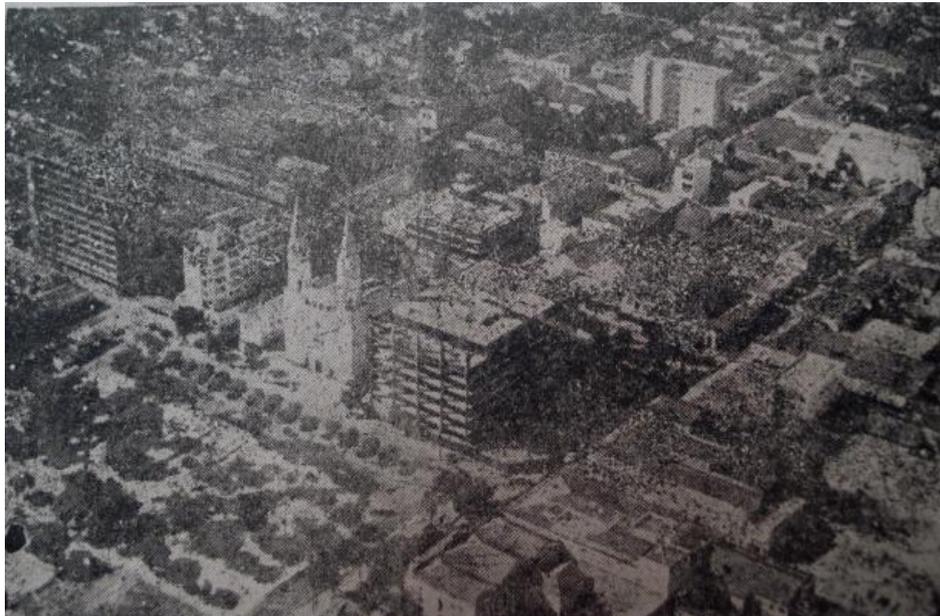
<sup>88</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 53, jan/jun. 2007.

<sup>89</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina em Teresina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: *Revista Brasileira de História*. v. 27, n. 53. São Paulo, p. 195-214, jan-jun 2007.

os editoriais palcos centrais de uma mobilização permanente em torno da cidade moderna. Neste sentido, imprensa suscita e repercute, a imagem de São Paulo como uma das grandes metrópoles do mundo, com um ritmo prodigioso de crescimento e potencialidades incalculáveis de progressão futura.

[...] É esse mergulho sem peias em transe de intensidade emocional “primitiva”, essa nova técnica para engendrar a “verdadeira energia”, que sublinha o perfil de um novo tempo, marcado por um ritmo de vertigem e um impacto de forças de uma magnitude inédita. Essa nova economia do instinto, condensado, orquestrado e dirigido para um papel proeminente, assume a cena pública transformando as cidades num palco monumental.<sup>90</sup>

Ao destaca o caráter paradoxal e destoante desse processo de modernização posto em prática na cidade de Teresina na década de 1970, Regianny Lima<sup>91</sup> consegue capturar as nuances específicas de um período histórico marcado por um processo de intervenção estrutural que soava aos ouvidos da elite local como uma tentativa de dar os primeiros passos em direção ao sonhado progresso.



Fotografia 9: Embelezamento de Teresina

Fonte: Jornal O Estado, 15 de fev. 1972. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito

<sup>90</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.43.

<sup>91</sup> MONTE, Regianny. *Teresina sob os anos de chumbo: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente*. 116f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2007.



Fotografia 10: Um problema superado.

Fonte: Jornal O Estado, 20 jul. 1976. Ano VII, p.7, nº 1090. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito

As reflexões dos autores ganham força a partir da análise da série fotográfica presente dos editoriais pesquisados, aqui destacada pelo uso de duas fotografias (4 e 5) enquanto fontes capazes de ultrapassar a ideia de analogan da realidade, como destaca Ana Maria Mauad ao considerar a fotografia como “[...] a elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica”<sup>92</sup>.

Neste sentido o ato de fotografar impõe-se como uma relação entre aquele que realiza a ação e o mundo, constituindo-se numa atividade cujo resultado seria a sensação de reter o mundo na cabeça<sup>93</sup>. As motivações e interesses que se constituem nesta relação dinâmica encontram-se atreladas ao contexto, lugar social e às ligações adquiridas no jogo de poder.

Na fotografia 9 temos uma imagem apresentada no jornal “O Estado” no início do governo de Alberto Silva com o objetivo de apresentar a nova imagem da capital piauiense que, sob o slogan da modernização, estaria entrando em uma marcha de desenvolvimento acelerado. A produção de uma imagem panorâmica do centro fundador da cidade, possibilitada pelo novo maquinário no setor gráfico conseguido com o apoio e verbas diretas do governador, traz consigo a ideia de monumentalidade e rapidez na expansão do projeto de

<sup>92</sup> MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história interfaces*. Revista Tempo, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

<sup>93</sup> SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

embelezamento e “limpeza” do Centro de Teresina colocado em prática na primeira metade da década de 1970.

Os prédios em construção ao redor do Centro da cidade são destaque na fotografia (9), que traça um panorama das modificações que estavam sendo executadas. O foco distanciado evita a percepção de imperfeições ou a presença de indivíduos que pudessem enfeiar a imagem de progresso. O objetivo impresso na foto não é o de evidenciar o crescimento horizontal da cidade ou de sua população, tanto que nem mesmo transeuntes aparecem, mas de mostrar a urbanização e limpeza da área.

Já na fotografia 10 produzida em 1976 pelo mesmo jornal, quando do governo de Dirceu Arcoverde, percebemos que o projeto de “limpeza”<sup>94</sup> idealizado em anos anteriores e realizado de forma autoritária não teve o resultado desejado por autoridades e tecnocratas, na medida em que se deu a partir da expulsão dos considerados “agentes perigosos” (mendigos, prostitutas, ambulantes) das áreas a serem reformadas ou embelezadas, ou seja, o processo levou ao afastamento desta população miserável para a zona periférica da cidade sem as mínimas condições de uma sobrevivência digna, o que não significou o desaparecimento do cenário de pobreza que, na segunda metade da década, ganhara novo impulso com a verticalização dos investimentos na urbanização do perímetro urbano de Teresina.

A legenda dessa fotografia (10) assume uma posição afirmativa diante da pobreza e mendicância, colocando esses problemas sociais como algo superado; entretanto, a produção do fotógrafo não corrobora com esta perspectiva, na medida em que o reflexo absorto de uma família vivendo na rua, sem a mínima diferença dos animais que transitam pelo esgoto, sendo este parte integrante de um cenário de miséria, chega ao leitor através de vários sentidos: o cheiro nauseabundo do esgoto e das próprias crianças, que na foto parecem com olhar perdido numa realidade sentida em cada um de seus poros; já a mãe, com a ajuda de um dos filhos, prepara algo para comerem, mas as possibilidades de um cardápio saudável é visualmente impossível.

A estratégia utilizada pelo jornalista foi apresentar a pobreza como uma questão resolvida a partir do mandato de Dirceu Arcoverde, posição que esbarra numa realidade oposta. As tentativas que melhoria da situação de pobreza e marginalidade na segunda metade

---

<sup>94</sup> ALMEIDA, Kllaricy Oliveira. *Filhos bastardos do progresso: pobreza e discurso na imprensa teresinense na primeira metade da década de 1970*. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2011

da década de 1970 foram positivas, em alguns aspectos, mas não fizeram com que houvesse o desaparecimento desse problema, cujas raízes percorrem a estrutura da própria sociedade. O desejo por mudança movimentou o governo de Dirceu, ex-secretário de saúde no governo de Alberto Silva, todavia as problemáticas sociais que assolavam a população não desapareceram, apenas ganharam novos contornos.

#### 4.1 A cidade do frenesi: novas experiências do tempo e do espaço a partir da modernização

O termo “cidade” já nasce em direta associação e conflito a ideia de “campo”, como destaca Raymond Williams ao descrever e analisar imagens e associações conectadas a experiências históricas diversas. As representações construídas para “cidade”, em sua perspectiva, acabam por ligar-se a desordem, barulho, multidão; uma sonoridade que contrasta com os sentimentos produzidos por uma imagem bucólica do “campo”.

[...] Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. A cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica. [...] A realidade histórica, porém, é surpreendentemente variada.<sup>95</sup>

Em sua incursão pelas múltiplas imagens da sociedade produzidas pelos homens do século XIX Maria Stella M. Bresciani apresenta a cidade como uma “colmeia popular” onde o espetáculo de homens e mulheres em um desfile fervilhante. Londres e Paris tornam-se paisagens frequentemente associadas à ideia de caos, turbilhão, ondas, metáforas inspiradas nas forças incontroláveis da natureza.<sup>96</sup>

[...] E, nas ruas, a multidão é uma presença. Seja na sua dimensão anônima, mecânica de massa amorfa, seja na apreensão de detalhes seus exploráveis até certo ponto, o movimento de milhares de pessoas deslocando-se por entre o emaranhado de edifícios da grande cidade compõe uma representação estética da sociedade.<sup>97</sup>

<sup>95</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.11.

<sup>96</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.10.

<sup>97</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.8.

A cidade, neste sentido, se inscreve não apenas como espaço urbano<sup>98</sup>, mas como um texto<sup>99</sup> a ser decifrado sob múltiplas formas, tendo em vista sua capacidade de fazer sentir a si e seu passado, seja pela própria arquitetura ou pela memória de seus habitantes. Nesta perspectiva, Ítalo Calvino, ao evocar o famoso viajante veneziano Marco Polo e suas descrições das incontáveis cidades do imenso império do conquistador mongol Kublai Khan, corrobora no sentido de apresentar as cidades invisíveis que se dão a sentir no fluxo de recordações, na imaginação do homem, nos contornos sinuosos de sua paisagem.

[...] Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras."<sup>100</sup>

Ao nos voltarmos para as representações de Teresina produzidas pelos editoriais dos jornais “O Dia” e “O Estado” na década de 1970 percebemos a consolidação uma imagem de metrópole para uma capital, que mesmo com os investimentos de nível federal ainda carecia de infraestrutura para abrigar e manter uma população que se avolumava a cada ano. As promessas de desenvolvimento tão características do governo Alberto Silva e prontamente aceitas em inúmeros editoriais não perderam fôlego com a mudança no cenário administrativo do Estado.

[...] Governo do Estado e Prefeitura estabeleceram as linhas de ação para o desenvolvimento de Teresina, dentro de que está concebido nas “Diretrizes Gerais do Governo e Programa de ação para 1975”, visando principalmente a valorização do homem elegendo como metas básicas o saneamento, habitação e urbanismo, nos próximos quatro anos. [...] Dentro dessa política de urbanização preocupada com o estabelecimento no Plano de Desenvolvimento Local Integrado, anuncia-se a integração do conjunto urbanístico representado pela Praça Pedro II e a Avenida Antonino Freire. Ontem, após o encontro, o prefeito Wall Ferraz já tinha condições de informar que essa integração será possível com o imediato início das obras da Praça Pedro II, que receberá revestimento de pedras portuguesas e acabamento cuidadoso, visando transformá-la em ambiente de lazer, servindo à comunidade e cumprindo as finalidades para a qual foi criada.<sup>101</sup>

Os planos de desenvolvimento e as obras de grande porte têm nos editoriais espaço

<sup>98</sup> Partindo de uma perspectiva teórica marxista, o geógrafo Roberto Lobato Corrêa, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e geógrafo do IBGE entende a cidade como espaço urbano, ou seja, como sendo a forma espacial em suas conexões com estrutura social, processos e funções urbanos.

<sup>99</sup> ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 4ª reimpressão da 1ª edição de 1988. São Paulo: Brasiliense, 1995.

<sup>100</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.14-15.

<sup>101</sup> TERESINA vai ser mesmo cidade verde. Jornal *O Dia*. Teresina-Piauí. 21 maio 1975, ano XXIV, nº 4209. p.3.

reservado e amplamente propagandeado, tendo em vista a preocupação latente em apresentar não apenas a população local, mas aos possíveis turistas as credenciais da capital alçada ao patamar de “canteiro de obras”, metáfora muito utilizada pelos jornalistas com o objetivo de colocar Teresina como personagem importante no palco de transformações urbanísticas pelas quais passavam outras capitais pelo país.

Ambiente familiar, cujas relações estreitas com o regime ditatorial e a influência exercida sobre a sociedade se faziam sentir nas manchetes dos periódicos teresinenses da década de 1970, os jornais da capital tornaram-se espaços de controle de uma parcela da população ligada diretamente aos interesses do governo e da elite detentora do poder político e econômico, como no caso do Coronel Otávio Miranda, proprietário do Jornal O Dia, destaque na fala do jornalista Zózimo Tavares.

O que eu me sentia era muito confortável de tá trabalhando no jornal que o dono era o Coronel Otávio Miranda. Por que o Coronel Otávio Miranda era uma pessoa com toda essa importância que agente sabia que tinha, mas agente achava que era muito maior ainda. E era uma pessoa que ao mesmo tempo era próximo da gente. Ele conversava com o vigia, com todo mundo da redação. Ele tinha os dele da redação, um deles era o Carivaldo, Chico Leal, Zé Fortes Filho, eu. Ele tinha umas pessoas que ele ficava mais próximo. Então eu achava isso muito importante naquela época, com a cabeça que eu tinha de trabalhar no jornal O Dia, que era o mais influente daqui, o mais importante e de ter o Coronel Otávio Miranda, que ao mesmo tempo que era uma pessoa importante e poderosa era também próximo da gente. Eu não sabia se ele era... qual era a política dele, se ele queria se agradar com agente, se ele queria estimular. Eu não sabia o que era isso. Era uma pessoa muito inteligente, que ele falava.<sup>102</sup>

Os projetos de embelezamento da cidade iniciados no governo de Alberto Silva, especialmente o conjunto urbanístico de praças e avenidas são destaque nas reportagens, na medida em que passam a figurar como cartões-postais da “cidade sonhada”. A esta representação positiva do processo modernizador o editorial alia uma fotografia (6) panorâmica do rio Parnaíba de forma a demonstrar amplitude e profundidade das mudanças que a capital passava durante a década de 1970, como a corroborar com a política urbana desenvolvida no período.

---

<sup>102</sup> TAVARES, Zózimo. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Albert Aurélio Lima, 2012.



Fotografia 11: Margens do Parnaíba vão ganhar arborização.

Fonte: Jornal *O Dia*, 21 maio 1975. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Nessa fotografia (6) o fotógrafo realiza uma tomada aérea das margens do rio que corta a cidade de Teresina, contudo o foco é a avenida e o “calçadão” numa referência à beira-mar do Rio de Janeiro, canto em verso e prosa. O passeio ao longo do Parnaíba, com a revitalização, se tornaria local para caminhada, para a prática de esportes, e a população, ainda, estaria ao lado de mais um cartão-postal da cidade. Ao seguir o percurso do rio, a avenida parece emoldurar-se junto à natureza como a criar um ponto de ligação com infraestrutura moderna que se desenvolvia a poucos metros (caso da construção do prédio da CEPISA).

A estética da paisagem urbana torna-se ponto central na construção de uma imagem positiva da capital que validasse as ações empreendidas pelas autoridades no âmbito público, ou seja, a estrutura física da cidade seria o molde para a construção de uma sociedade que concorreria para o crescimento não apenas de Teresina, mas do Piauí, que se ligaria ao desenvolvimento nacional em igualdade com o restante do país. Neste sentido, o apoio e atuação da população faziam-se necessários à consolidação deste intento.

[...] Considerando antiestético e sobretudo anti-higiênico, o prefeito Wall Ferraz não vai permitir que continuem funcionando os abrigos localizados no meio das praças e ruas de Teresina. [...] O prefeito Wall Ferraz considera que o funcionamento de abrigos sem as mínimas condições de higiene é coisa superada e que gradativamente vem sendo abolido em outras capitais. Um exemplo recente e muito próximo é Fortaleza, onde foi demolido o tradicional abrigo, para reforma da praça do Ferreira, hoje um dos

logradouros mais bonitos do Nordeste.<sup>103</sup>

Referências a situações vivenciadas em outras capitais tornam-se escudos a defender a modernização, seja ela feita de modo autoritária ou não, como passo inevitável na conquista de um lugar no cenário político-econômico nacional. As medidas implementadas pelas autoridades constituem, neste sentido, práticas necessárias ao funcionamento da cidade que se insere no turbilhão de mudanças a recobrir com ares de metrópole a “capital dos sonhos”.

#### *4.1.1 Seduzir para conquistar: novos padrões de visualidade urbana nos periódicos na década de 1970*

*Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder.*

*Susan Sontag*

Neste contexto a fotorreportagem se apresenta como veículo de divulgação de uma imagem específica e cadenciada da capital que vivenciava o regime militar, na medida em que a economia do país seguia num crescimento vertiginoso e os frutos desse momento chegavam ao governo local através das relações políticas desenvolvidas especialmente por Petrônio Portela<sup>104</sup>, então braço forte do regime. Entretanto, para o entendimento das representações

<sup>103</sup> PREFEITURA vai demolir os abrigos das praças. Jornal *O Dia*. Teresina-Piauí, 24 maio 1975, ano XXIV, nº 4212. p.2.

<sup>104</sup> *Petrônio Portela Nunes* nasceu em Valença do Piauí (PI) no dia 12 de outubro de 1925, sexto dos 12 filhos de Eustáquio Portela Nunes e de Maria de Deus Ferreira Nunes. Seu pai ocupou por dois períodos a prefeitura daquele município, primeiramente nomeado, ainda nos tempos do Estado Novo, e depois eleito, já na fase de redemocratização do país. Um de seus irmãos, o médico Lucídio Portela Nunes, foi governador do Piauí de 1979 a 1983. Seu primo, Flávio Portela Marcílio, foi governador do Ceará de 1958 a 1959, deputado federal pelo mesmo estado a partir de 1963 e presidente da Câmara em três oportunidades: 1973-1974, 1979-1980 e a partir de 1983. Petrônio Portela fez seus primeiros estudos em Valença e cursou o ginásio em Teresina. No Rio de Janeiro, então capital da República, concluiu o segundo grau, e em 1947 ingressou na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Trabalhando no Departamento de Correios e Telégrafos para se manter e custear seus estudos, destacou-se no Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO), de sua faculdade, como um dos líderes mais atuantes da Reforma, grupo que se bateu pela redemocratização do país e que unia liberais e esquerdistas. Dirigiu também nessa época o departamento estudantil da União Democrática Nacional (UDN), partido fundado em 1945 e que congregava a oposição liberal ao Estado Novo. [...] Em março de 1971, novamente por indicação de Filinto Müller, Petrônio assumiu a presidência do Senado, sucedendo a João Cleofas. Nesse cargo permaneceu no biênio 1971-1972, período em que o Executivo se fortaleceu em prejuízo do Legislativo e do Judiciário. Nesse período promoveu ampla reforma no prédio do Senado, construindo um novo anexo projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, com salas para as comissões e gabinetes individuais para cada senador, e providenciando o reequipamento do centro gráfico. Promoveu também a instalação do Centro de Processamento de Dados do Senado Federal (Prodasen), com o objetivo de aprimorar o sistema de recuperação de informações, e, na área cultural, deu início a um vasto programa de edições, contando com a colaboração do historiador José Honório Rodrigues. Num período difícil da vida legislativa, quando o Executivo enfeixava em suas mãos enorme soma de poderes, a gráfica do Senado chegou a publicar centenas de livros de direito e de

construídas sobre a cidade a partir das fotorreportagens torna-se necessário responder alguns questionamentos: O que estamos a considerar como fotografia? Como as fotografias sobre Teresina se relacionavam com os textos e se inseriam nos editoriais pesquisados? De que forma a fotografia atuou para apresentar as representações da modernização empreendida na cidade?

O que é fotografia? Várias são as perspectivas em torno desse conceito, contudo abraçaremos nesta reflexão a abordagem do historiador Charles Monteiro que situa a fotografia como “uma imagem técnica de natureza híbrida, em parte produzida por processos físico-químicos e em parte produzida pela mão do homem com auxílio de um aparelho ótico”<sup>105</sup>. A produção técnica que envolve o ato de fotografar não deixa escapar, contudo, sua construção cultural, na medida em que diversas concepções políticas, sociais, econômicas, estéticas envolvem o “clic” da câmera; como destaca, ainda, Boris Kossoy.

O processo de criação do fotógrafo engloba a aventura estática, cultural e técnica que irá originar a representação fotográfica, tornar material a imagem fugaz das coisas do mundo, torná-la, enfim um documento. Seja durante o processo em que é criada, seja após a sua materialização, conforme o uso que a aguarda, a representação está envolvida por uma verdadeira trama. [...] Na imagem fotográfica, encontram-se, indissociavelmente incorporados, componentes de ordem material que são os recursos técnicos, ópticos, químicos ou eletrônicos, indispensáveis para a materialização da fotografia e, os de ordem imaterial, que são os mentais e os culturais.<sup>106</sup>

O cenário da imprensa escrita teresinense do período abordado, jornalistas e fotógrafos eram profissionais que se confundiam, tendo em vista que a maior parte das imagens era produzida pelos próprios jornalistas e este não possuía tamanho reconhecimento, o que pode ser percebido com base no levantamento feito a partir da composição técnica e estruturação entre texto e imagem nos periódicos, tendo a última apenas uma legenda indicativa do tema ou local fotografado, na maior parte dos casos, sem menção ao nome do fotógrafo, sendo este profissional ou amador.

Diferentemente do percurso do profissional da fotografia, está o da própria imagem, que cresceu aceleradamente tanto em uso quanto em tamanho e formatação estética, principalmente nos jornais teresinenses que tiveram seu aparelho técnico modernizado ainda

---

história parlamentar. Verbete biográfico completo em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/busca>. Acessado em 27 jul. 2013.

<sup>105</sup> MONTEIRO, Charles. *Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nos anos 1950*. In: *Revista Brasileira de História*, n. 53, vol. 27, 2007, p. 159.

<sup>106</sup> KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p.26-27.

nas primeiras décadas de 1970, sob os auspícios do financiamento estatal que visava um engajamento político dos editoriais em favor da modernização e das reformas urbanísticas a serem promovidas pelo governo, além da mobilização popular em torno do projeto de monumentalização da paisagem urbana.



Fotografia 12: Sob a "Cidade Verde"

Fonte: Jornal *O Dia*, 18/19 jul. 1971. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

A fotografia 12 se apresenta como exemplo característico do modelo de fotorreportagem que vigora nos periódicos teresinenses no início da década de 1970. Sem indicação textual do fotógrafo, o sentido proposto pela imagem prende-se obrigatoriamente à legenda "Sobe a 'Cidade Verde'" e à produção textual que seguem ao lado da imagem numa proporção quase simétrica; característica que nas últimas décadas diminui drasticamente, tendo em vista o boom da modernização técnica e do *flirt* à imagem, o que provocou a construção de um padrão estético onde a fotografia prevalece sobre o texto, que passa ter o conteúdo restringido pela quantidade cada vez maior do instantâneo.

Além disso, a fotografia (12) traz o processo de modernização como tema central. Com uma tomada fechada do centro fundador da cidade com base na Igreja do Amparo, que vigorava como um dos maiores e tradicionais prédios da capital, colocando em destaque as obras de construção de novos edifícios de modo a apresentar a ideia de dinamismo no

processo de transformações do perímetro urbano. A foto de meia página com formato retangular vertical tirada no sentido ascensional enfatiza a verticalização, a expansão da modernização, a monumentalização das construções no espaço urbano e o crescente desaparecimento da cidade antiga e tradicional.

A legenda “Sobe a ‘Cidade Verde’” coloca a ideia de crescimento vertical em ênfase e o texto ensaia a explicação para esse momento: “De repente a cidade cresceu. Os velhos casarões cederam lugar aos edifícios e na marcha do progresso até mesmo a forma arquitetônica tradicional das igrejas foi colocada à margem pelo arranha-céu.” O progresso, aqui entendido como o processo de transformações arquitetônicas e culturais, torna-se resposta para o cenário de obras vivido por Teresina. Neste sentido, adequar-se ao movimento seguindo sua marcha frenética aparece menos como possibilidade do que obrigação.

O processo de demolições de igrejas e casarões do período colonial, como forma de apagar da memória um passado de atraso e de tradições consideradas incivilizadas para o mundo moderno, é uma característica dos projetos modernizadores empreendidos nas principais cidades do país. No caso específico de Teresina, esta é uma prática que chega até os dias atuais.

Nos anos 70, contudo, o ato de demolir tornou-se parte do desejo de fazer a Teresina tradicional desaparecer para dar vida a uma nova cidade, iluminada pelas inovações técnicas que apareciam em quantidade insuperável nos jornais da capital, com o objetivo de seduzir para o consumo. Entretanto, a maior parte da população não tinha a possibilidade mínima de adquirir os símbolos da modernização, como o automóvel, telefone, microondas, a TV; pois a miséria e a fome eram seus únicos bens.



Ilustração 13: Mapil: Carro rebocado terá com fim?  
 Fonte: Jornal *O Dia*, 20 set. 1975. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

As propagandas ligadas aos produtos da “vida moderna” se tornam frequentes e atraem a atenção do leitor, como no caso do Reboque Mapil, que utilização como slogan uma bola coroada, o que não se liga diretamente ao serviço desempenhado pela empresa, mas direciona a ideia de um time campeão numa referência a vitória do Brasil na Copa de 1970. Dessa forma, a propaganda leva o leitor a se identificar com a empresa “campeã” ou, ainda, perceber-se como excluído desse time vencedor, se não possuir um automóvel.



Fotografia 14: O Hotel Piauí estará pronto em junho.  
Fonte: Jornal *O Dia*, 18/19 jul. 1971. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

A construção do Hotel Piauí, uma das principais propostas levantadas no plano de governo de Alberto Silva, talvez seja o melhor exemplo da tentativa inicial de engajamento dos periódicos às grandes obras conduzidas pelas autoridades públicas no espaço urbano, o que pode ser percebido pela “publicidade da modernização”<sup>107</sup> dirigida pelas fotorreportagens desde a condução das obras do edifício, inauguração, consolidação e declínio. Na fotografia 14 o hotel, tomado no sentido ascensional, ainda se apresenta como um emaranhado de concreto a representar a tão desejada mudança nos padrões urbanísticos da cidade e por consequência, angariar apoio ao governo visto como “empreendedor e atualizado às tendências arquitetônicas modernas”.

O Hotel Piauí foi propagandeado desde o início do mandato do governador Alberto Silva como parte central do aclamado “Projeto Piauí”, na medida em que traria turistas para a capital e seria a marca da modernização do estado. Essa imagem seria, na perspectiva da

<sup>107</sup> MONTEIRO, Charles. *Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nos anos 1950*. In: *Revista Brasileira de História*, n. 53, vol. 27, 2007.

autoridade pública, levada para o restante do país; que veriam a capacidade empreendedora do governo. A fotografia tirada ainda no período de execução da obra torna nítido o entusiasmo da imprensa com as possibilidades que o hotel poderia oferecer.



Fotografia 15: Hotel de Teresina rivaliza com seus melhores congêneres.  
Fonte: Jornal *O Estado*, 15 mar. 1972. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Na imagem 15 temos um hotel em pleno funcionamento. A fotografia, tirada em sentido descendente e apresentada em tonalidade azul, tenta aludir para a grandiosidade do projeto concretizado. A presença dos automóveis, vendedores ambulantes e transeuntes, não tira a atenção da monumentalidade da construção erguida como símbolo de um projeto, que antes dos primeiros passos já se via vencedor.

As legendas das fotografias (14 e 15) apontam para a tentativa de entrada da cidade no processo de modernização vivenciado pelas demais capitais brasileiras e as obras, neste sentido, seriam o caminho mais curto para o desenvolvimento. Contudo muitos dos projetos não tiveram o êxito propagandeado, como no caso do próprio Hotel Piauí, que acabou por se tornar abrigo de mendigos e famílias sem moradia. Péssimo uso da verba pública ou golpismo? Esta passa a ser a publicidade negativa produzida nos anos seguintes à inauguração do Hotel Piauí: escombros de uma “Teresina que deveria ser”, mas esbarrava no entrave da desigualdade social e dependência econômica.



Fotografia 16: sem legenda.

Fonte: Jornal *O Estado*, 7 set. 1972. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

A teia construída pelo texto conjugado à fotografia 16 também se apresenta como uma possibilidade técnica com o objetivo de criar apelo à atenção do leitor que passa a realizar a atividade mental de imaginar, transportando-se para o momento aludido pela narrativa e a determinados aspectos da realidade apresentados na imagem como: a revitalização de uma avenida da cidade, não definida na legenda, arborização dos canteiros e asfaltamento. Numa perspectiva frontal a avenida parece se estender infinitamente, o que também realça a ideia de grandeza.

O texto ensaia uma discussão sobre o sentido do desenvolvimento a partir da alusão a participação popular nas comemorações cívicas: “Desenvolvimento que é a iluminação moderna da avenida, desenvolvimento que são as piscinas, a decoração da praça e os jardins que o povo deve preservar, desenvolvimento que é o asfalto. [...] Todos os que olharem para estas luzes e para estas árvores e para cada soldado mantendo a paz, sorrirão de emoção e levarão para casa um novo conceito de progresso.”

As principais bases do desenvolvimento técnico e do chamado “mundo moderno” são elencados na narrativa: embelezamento dos passeios e praças públicas, evocada no sentido de “limpeza” do espaço urbano. O asfalto, por conseguinte, deveria abrir as vias públicas e acesso e circulação na cidade à passagem do automóvel, que já no início do século XX atingia de forma vertiginosa o olhar curioso do boêmio João do Rio.

E, SUBITAMENTE, é a era do automóvel. O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas mágicas e na natureza, aspérrima educadora, tudo transformou com aparências novas e novas aspirações. Quando meus olhos se abriram para as agruras e também para os prazeres da vida, a cidade, toda estreita e toda de mau piso, eriçava contra o animal de lenda, que acabava de ser inventado em França.<sup>108</sup>

O “Homem moderno” de João do Rio viveria numa pressa incessante de acabar, e nesse ritmo vertiginoso desenvolveria formas mais rápidas de comunicação, informação, locomoção, encurtando distâncias e criando novas vivências na cidade. Contudo, as consequências também seriam aceleradas ao ponto do espaço urbano se tornar um emaranhado de vias públicas desenvolvidas não para o tráfego de pessoas, mas de carros. As relações sociais também sofreriam drástica alteração, tendo em vista a mudança de costumes, ou melhor, a tentativa de imitação do padrão de vida estrangeiro desde o corte de cabelo até nas formas arquitetônicas. Dormir como um “homem da cidade velha” e acordar como “homem moderno” embalado pelo frenético movimento da multidão que abarca as ruelas da cidade.

A Teresina da década de 1970 se apresenta nas fotorreportagens como uma princesa das fábulas da “Bela adormecida”, na medida em que a cidade possuiria as características necessárias para desenvolver-se, mas deitada em sono profundo os desejos de transformação tornavam-na texto à espera de mãos hábeis para escrever. Ao entendermos a “arquitetura da cidade como escrita de sua história”<sup>109</sup>, percebemos o quanto as mudanças executadas no espaço urbano repercutiram nas relações estabelecidas entre cidadão e cidade; e, ainda, a importância das fotorreportagens na construção de representações que viabilizassem as novas aspirações e interesses de modernização.

Para tanto, tornaram-se comuns nas fotorreportagens temas como indústria, turismo, obras monumentais, embelezamento da cidade. O Centro da capital passa a ser esquadrinhado de forma a destacar as potencialidades ainda dormentes e demarcar as áreas de concentração populacional onde as autoridades públicas passariam a centralizar suas energias no sentido de realizar um reordenamento urbano, o que, na perspectiva dos dirigentes, chamaria a atenção de turistas e da sociedade brasileira para o reflorescimento de forças que estavam cambiantes, mas latentes na “bela adormecida”.

<sup>108</sup> RIO, João do. *Uma antologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008. p.47.

<sup>109</sup> ROLNIK, Raquel. *O que é cidade?* 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

A indústria incipiente na capital é tema de diversas fotorreportagens, como as apresentadas na fotografia 17 com vistas parciais do I Distrito Industrial de Teresina enquadrado de forma descensional, o que destaca a amplitude da área focalizada, além da diluição das contradições. A vista aérea permite, neste sentido, a “fragmentação do espaço e a focalização de áreas ou características pontuais, que podem vir descontextualizadas da situação mais ampla de seu entorno”<sup>110</sup>; o que dificulta a tentativa de dimensionar o fenômeno ou localizá-lo no espaço urbano ou nas proximidades de áreas centrais.



Fotografia 17: I Distrito Industrial de Teresina.

Fonte: Jornal *O Estado*, 7 set. 1972. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Como a própria fotografia destaca o distrito industrial de Teresina era mais desejo do que realidade, na medida em que o funcionamento das pouquíssimas instalações era precário e os investimentos não chegaram a tornar o Piauí um estado industrializado. A produção agrícola, base da economia, contudo, tem na década de 70 sérios problemas ocasionados pela seca, o que acarretou a migração de milhares de agricultores para Teresina na esperança de conseguir melhores condições de vida e passam a assumir postos na crescente área da construção civil, como destaca a pesquisadora Débora Silva Viana.

Assim a cidade aparece como uma opção do homem do campo se inserir

<sup>110</sup> MONTEIRO, Charles. *Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nos anos 1950*. In: *Revista Brasileira de História*, n. 53, vol. 27, 2007.

numa atividade laboral. Para os que se aventuravam para a cidade, a passagem pela construção civil era quase uma regra. Não havia muitas alternativas para os trabalhadores sem um mínimo de qualificação profissional. Assim o trabalhador que em pequenos núcleos rurais é capaz de fabricar uma casa do assoalho ao telhado é metamorfoseado num assalariado braçal, transforma-se em servente de pedreiro.<sup>111</sup>

A decisão de partir dos seus lares, mesmo na situação de seca agravada nos primeiros anos da década de 70, não era algo fácil para quem passou a vida no campo; e a chegada em Teresina não garantia a sobrevivência do migrante. Sem emprego, moradia, alimentação; o migrante era levado a encontrar uma atividade que pudesse a ele e sua família as necessidades básicas, e nesse momento a construção civil ganhava impulso com os investimentos do governo na modernização da capital arregimentando inúmeros postos de trabalho, principalmente o de pedreiro.



Fotografia 18: O trevo entrava o trânsito.

Fonte: Jornal *O Dia*, 2 dez. 1971. Nº 3487, p.8. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

As fotorreportagens também cumpriam, nesse período, o papel de apresentar os dilemas e agruras enfrentadas pela cidade e mobilizar a opinião pública e as autoridades administrativas (municipal e estadual) na tentativa de possibilitar discussões para a resolução dos problemas. Em fotografia panorâmica (18) com vista aérea do anel rodoviário de Teresina percebemos um espaço urbano ainda em construção, cuja urbanização, entendida aqui como “as transformações que perpassam os padrões urbanísticos a partir da aplicação de sistemas de

<sup>111</sup> VIANA, Débora Silva. *Entre o concreto e o etéreo: trabalho e memória dos trabalhadores da construção civil em Teresina na década de 1970*. 280f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, 2013.

controle sobre este processo”<sup>112</sup>, se faz sentir de forma muito rudimentar, tendo em vista a precariedade infraestrutural da cidade, que para consolidar-se como capital moderna busca nos chamados “planos urbanos” que se expandem no Brasil depois da crise de 1929, como constata Nestor Goulart.

Em todas as regiões constatava-se a implantação de novos padrões de tecidos urbanos. Nas áreas centrais, os espaços de aparência europeia, das reformas urbanísticas do início do século, foram substituídos por edifícios de maior altura, mais próximos dos padrões norte-americanos. A verticalização correspondeu a uma generalização do uso do concreto armado, estimulada pela carência de estruturas metálicas, após a crise de 1929. [...] Essas mudanças foram estimuladas pela modificação, com a adoção da lei do inquilinato e a generalização da incorporação de condomínios, com nova forma de promoção do mercado, seja no setor residencial, seja no setor de escritórios. As obras eram financiadas quase sempre pela Caixa Econômica Federal e pelos institutos de aposentadorias e pensões, criados durante o governo Vargas. Nos bairros mais populares, tornaram-se comuns os processos de produção de moradias por autoconstrução, em loteamentos precários, além da multiplicação de favelas e mocambos. Em menor escala, a demanda foi atendida pelos conjuntos habitacionais construídos pelos institutos de previdência, para seus associados.<sup>113</sup>

Ao lançar mão de arcabouço técnico diretamente ligado a interesses próprios ou de terceiros, o fotógrafo possibilita não apenas a construção artística, mas histórica da imagem. A fotografia, neste contexto, torna-se documento passível de discussão, na medida que carrega consigo uma história perpassada pela vivência e escolhas daquele que segura a máquina, daquele que se deixa fotografar, dos padrões e intenções pertinentes ao momento histórico do qual trata. Uma trajetória, contraditória e oportunamente, fugaz e perene.

Toda fotografia trás em si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos

---

<sup>112</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Urbanização e modernidade: entre o passado e o futuro (1808-1945)*. MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. A grande transação. São Paulo: Editora SENAC/São Paulo, 2000. p.85.

<sup>113</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Urbanização e modernidade: entre o passado e o futuro (1808-1945)*. MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. A grande transação. São Paulo: Editora SENAC/São Paulo, 2000. p.111.

que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram.<sup>114</sup>

A aliteração presente na legenda “O trevo entreva o trânsito” (fotografia 12) fora articulada de forma proposital para destacar a ideia de confusão na linguagem do trânsito da capital, ou seja, pela falta de uma sinalização adequada nas vias de grande tráfego para regular a ação dos motoristas e prevenir acidentes. O alerta para a falta de infraestrutura básica no tecido urbano da cidade sinaliza, ainda, para a deficiência do processo modernizador, seja em relação a segregação urbana provocada pelo redirecionamento da população pobre, seja pela centralização das melhorias técnicas nas áreas centrais.

Na segunda metade da década de 1970 temas como desfavelização, conjuntos habitacionais, favela, mendicância, moradia ganham destaque nas fotorreportagens que discutem os problemas enfrentados pela cidade. Contudo, a atmosfera de confiança no destino progressista da capital não se vê suplantada pela vivência precária da maior parte da população, esta segregada em bairros periféricos sem as mínimas condições de saneamento.



Fotografia 19: TRRRRIIMMMMM... Em Teresina o progresso está tinindo.

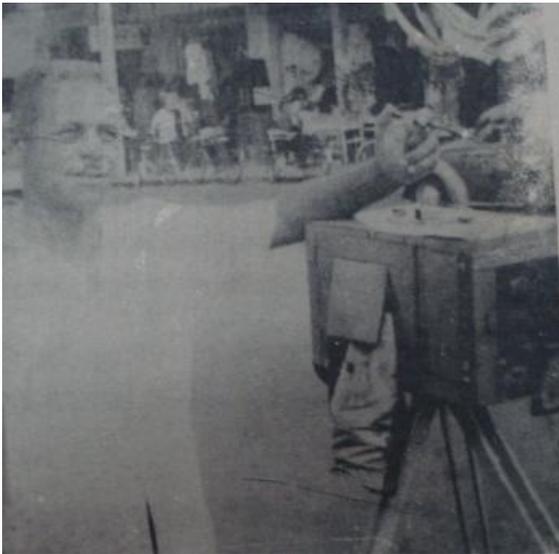
Fonte: *Jornal A Tribuna*, 7 maio 1975. Nº 68, p.5. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Na foto 19 temos mais uma propaganda do governo, que alerta pelo som do telefone, colocado em destaque na composição da ilustração, a chegada da modernização técnica e estrutural de Teresina. O telefone aparece como a marca do desenvolvimento das telecomunicações no estado, garantido graças ao trabalho desenvolvido pela empresa estatal

<sup>114</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. p.47.

TELEPISA; contudo, a imagem do telefone se impõe ao leitor como um produto necessário no cotidiano de uma cidade que deseja se fazer moderna. Neste sentido, aqueles que possuem produtos “modernos” podem se considerar parte do processo e, ainda, se distinguir da parcela da população sem condições de obter as novas tecnologias.

Neste cenário de modernização da fotografia e das técnicas de produção das imagens, som e comunicação os fotógrafos tradicionais da capital, também chamados de “lambe-lambe” perdem espaço e funcionalidade na paisagem da cidade. As fotos “taboca”<sup>115</sup> que, durante a década de 1960 faziam com que muitas pessoas viessem das cidades vizinhas para conseguir uma fotografia nas principais praças da cidade, se veem derrotados pela modernização das kodaks<sup>116</sup> em detrimento a suas “caixas” de fotografar, como destaca em fotorreportagem o periódico local.



<sup>115</sup> Em 19 de agosto de 1839, numa sessão conjunta das academias de Ciências e Belas-Artes, em Paris, ocorreu o anúncio da invenção do *daguerreótipo*. A patente do invento foi adquirida pelo governo francês e “doada à humanidade”, tendo se disseminado rapidamente pelo mundo. Consiste numa chapa de cobre folheada de prata e sensibilizada a partir da combinação com o iodo – sobre a qual se forma a imagem fotográfica latente, que, depois de revelada com vapores de mercúrio, torna-se um amálgama de mercúrio e prata, visível. Por se tratar de um artefato extremamente frágil, as chapas eram sempre vedadas num estojo, sendo a imagem recoberta por uma placa de vidro. Embora as imagens assim obtidas possuam alta qualidade, sua visualização é dificultada devido à superfície espelhada. Ademais, a imagem possui a lateralidade invertida e única, ou seja, não pode ser multiplicada, devido à inexistência do negativo. Mais detalhes ver em: ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p.3.

<sup>116</sup> A câmera Kodak, invenção do americano George Eastman (1854-1932) era uma simples caixa de madeira revestida em couro, pequena e leve e tirar uma fotografia com ela era muito fácil, exigindo apenas três ações simples: girar a chave para enrolar no filme; puxar a corda para definir o obturador e pressionar o botão para tirar a fotografia. A Kodak produziu instantâneos circulares de dois e meio centímetros de diâmetro e a máquina era vendida já carregada com rolo de filme, o bastante para tomada de uma centena de fotografias. Depois de esgotado o cartucho, a câmara inteira era devolvida à fábrica para a película a ser desenvolvida e impressa. Recarregada com um novo filme, era devolvida ao seu proprietário, juntamente com as fotografias reproduzidas. Para resumir o sistema Kodak, Eastman criou um slogan de vendas simples: “Você aperta o botão, nos fazemos o resto”.

Fotografia 20: Lambe-lambe, um elemento que começa a desaparecer na paisagem de Teresina.  
 Fonte: Jornal *A Tribuna*, 3 set. 1975.Nº166 , p.1. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

O texto aglutinado à fotografia 20 esclarece que os tradicionais fotógrafos “lambe-lambe” que durante algum tempo deram um colorido diferente à Praça da Bandeira, em Teresina, estão desaparecendo da paisagem da capital. Suas máquinas, que há 50 anos eram as mais modernas, tornaram-se obsoletas e muitos que não se entrosaram com as técnicas da fotografia moderna estão sendo obrigados a abandonar a profissão ou se deslocarem para tentar novamente a sorte nas cidades do interior.” O profissional dos daguerreótipos é apresentado como uma relíquia do passado, um monumento de museu que não se adequaria aos métodos modernos e nem mesmo se encaixaria na nova paisagem urbana. Desaparecer seria solução para este personagem, que mais parece saltar das páginas de um livro de memórias, e consequência dos novos padrões de vida que estavam a modificar ao som dos “fon-fons” e “Triimmmmmsss...”.

Os fotógrafos que decidem ficar na cidade encontram a possibilidade de se profissionalizar, já que a modernização dos principais jornais de circulação em Teresina, na década de 1970, provocou a contratação de profissionais direcionados para diferentes segmentos dos editoriais; um exemplo é o caso do senhor Carisvaldo Marques Teixeira Filho, contratado pelo Jornal “O Dia” como repórter fotográfico.

[...] Na verdade eu era o fotografo do jornal. Ficava no foto, no laboratório, e o jornal quando tinha necessidade, um fato, coisa assim, um acidente de um carro, uma solenidade já programada, uma coisa muito pequena, então ia lá o motorista e me pegava, ia lá fazia a foto e ai tinha que revelar, no laboratório, tinha que voltar na foto pra fazer a revelação e depois vinha me deixar no jornal. A gente fazia aquela coisa de rotina, uma foto, duas fotos, porque ai dava tempo revelar e trazia tudo pro jornal. Então eu comecei mesmo como fotógrafo no jornal. [...]<sup>117</sup>

Ao trabalhar o processo de modernização da imprensa escrita de Teresina o pesquisador Albert Aurélio destaca a necessidade de transformação da qualidade gráfica dos jornais da capital, tendo em vista os antigos problemas na nitidez das fotografias e na própria composição das edições. Nas primeiras décadas do século XX a solução foi a incorporação das clicheiras e dos fotolitos nas tipografias, contudo, essa fase não duraria.

As clicheiras incorporam-se nas tipografias da imprensa escrita como uma necessidade, porque os jornais impressos sempre vinham buscando meios

<sup>117</sup> FILHO, Carivaldo Marques Teixeira. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Albert Aurélio Lima*, 2011.

para transformarem as ilustrações convencionais e até as artesanais em imagens mais nítidas. Esta seria uma forma de aumentar a circulação dos jornais, visto que, com melhores imagens poderiam aumentara venda das edições.<sup>118</sup>

O autor salienta, ainda, as dificuldades encontradas pelos jornais quanto à operacionalização do maquinário, que necessitava de um operador especializado para o manuseio. No caso de jornais como “O Dia” este problema foi resolvido com a contratação de profissionais capacitados; contudo, a quantidade mínima de operadores tornou os editoriais dependentes.

Contudo, a necessidade de se modernizar não parou. Os anos 60 e 70 deram fim ao reinado das Lynotipos e Clicheiras, ultrapassadas em relação às novas tecnologias que batiam à porta da imprensa nacional desejosa por alcançar uma vendagem mais expressiva e de incorporar a indústria publicitária. Enquadrar-se num processo que percorria as principais capitais brasileiras era necessário aos olhos da imprensa escrita local, já que o próprio governo passou a incentivar as telecomunicações com o interesse de beneficiar-se desse desenvolvimento e ao mesmo tempo apresentar uma nova imagem para o estado.<sup>119</sup>

O sistema de impressão off-set<sup>120</sup> tornou-se marca da modernização dos jornais, que em muitos casos só conseguiram adquirir o equipamento com a ajuda financeira do estado, prática que ficou conhecida como *release*. Lima define essa tentativa de “mutualismo” com o estado como um método prejudicial ao trabalho do jornalismo.

A prática do release se estabeleceu no estado do Piauí da seguinte forma: o governo aproveitando-se das péssimas condições econômicas da categoria dos jornalistas acabava dividindo as despesas dos jornais, com os proprietários. Além de estabelecer junto à classe, uma forte estrutura para as assessorias de comunicação – as SECOM(s). Assim os jornalistas ficavam cada vez mais atrelados aos governos.<sup>121</sup>

Os jornais conseguiram uma melhora significativa do poder de venda e da qualidade de impressão com os novos equipamentos, que possibilitou o desaparecimento de diversas etapas do processo; entretanto, o custo dessa modernização superou os custos financeiros e

<sup>118</sup> LIMA, Albert Aurélio. *Do prelo ao off-set: modernização e práticas dos jornais escritos em Teresina na década de 1970*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2013.

<sup>119</sup> LIMA, Albert Aurélio. *Do prelo ao off-set: modernização e práticas dos jornais escritos em Teresina na década de 1970*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2013.

<sup>120</sup> Off-set é basicamente o mesmo sistema tipográfico das Linotypes, com algumas modificações na composição dos jornais. Um cilindro de borracha recebe de outro cilindro os textos e ilustrações gravadas numa chapa de cobre para depois imprimir no papel esses sinais gráficos.

<sup>121</sup> LIMA, Albert Aurélio. *Do prelo ao off-set: modernização e práticas dos jornais escritos em Teresina na década de 1970*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2013. p.52.

alcançou a dependência da imprensa aos interesses do governo.

#### 4.2 A cidade do medo: outra Teresina sob a mesma face

Em oposição à “cidade sonhada” tem-se a representação de uma cidade ligada a ideia de medo, da repulsa, tendo como protagonista a massa popular que caminha em situação miserável pelas ruas amontoadas de migrantes. Nesta perspectiva destaca-se o trabalho de dissertação de Regianny Lima Monte<sup>122</sup>, que traça uma reflexão sobre o processo migratório ocorrido no Piauí durante a década de 1970, com ênfase nas representações e consequências para a capital, imã de atração de uma multidão desconhecida, que chegara a cidade com sonhos e esperanças num amanhã melhor; contudo o parque urbano se fazia sentir bem mais complexo e opressor do que se supunha.

[...] O lavrador Leopoldo Lopes de Araújo de 35 anos de idade, três filhos “para criar” e uma enorme indisposição para o trabalho, por causa de uma operação na garganta feita há poucos dias, aqui em Teresina. Ele chegou há oito dias e diz que vendeu “a foice, a enxada, o facão e outros cacarecos”, para sair de Matias Olímpio. “A gente não sabe para onde ir, porque querem que a gente desocupe esse galpão”, “diz com um tom de tristeza na voz”, acrescentando que “a vida de um pobre dá um romance.” Mas ele não sabe quem vai escrever.<sup>123</sup>

O gênero romance poderia ser convertido em tragédia na situação apontada pela reportagem, tendo em vista que a vivência do senhor Leopoldo se assemelha a de milhares de migrantes que saem de seus municípios em busca de tratamento médico, educação, moradia, emprego; mas se veem imersos em uma realidade de pobreza e segregação. Estes caminantes passam a habitar uma cidade que recria seus piores temores e lhes afasta, física e socialmente, dos espaços de sociabilidade e vivência convencionados.

A voz do lavrador emerge como forma de denunciar as consequências de um projeto de modernização que tem como base a segregação da população pobre que estaria a enfeitar a face embelezada da capital. O que fazer? Para onde ir? Estas perguntas tiveram como solução o redirecionamento desta população para áreas periféricas da cidade que, posteriormente, seriam a base de formação dos principais conjuntos habitacionais da segunda metade do século XX.

<sup>122</sup> MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 235f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2010.

<sup>123</sup> VIDA de pobre dá um romance, diz lavrador. *Jornal O Estado*. Teresina-Piauí, 08 jan. 1976, nº 934. p.1.



Fotografia 21: sem legenda.

Fonte: Fonte: Jornal *O Estado*, 08 jan. 1976. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

As redes, o ambiente sujo e úmido, os olhares desencontrados, expressões que se camuflam ao próprio cenário como a desnudar a ideia de que os personagens se perdem na composição do quadro geral pintado em tons acinzentados assim como o próprio cotidiano de insalubridade e incertezas compartilhado pelos sujeitos. A pobreza surge como pano de fundo potencializador do sentimento de medo que perpassa a vivência daqueles cujos tetos poderiam ser tirados no devir de um processo que não reconhece nomes ou rostos, apenas se expande em marcha acelerada a seguir o ímpeto transformador.

Em outros casos o teto pode ser apenas a copa de uma frondosa árvore que cede espaço na paisagem para abrigar famílias sem condição de possuir uma moradia e que fazem da rua ambiente de sobrevivência, expostos às enfermidades e às péssimas condições de higiene e salubridade.

[...] O vento frio da noite, a chuva e às vezes complicações com os transeuntes são alguns problemas das famílias que residem nas ruas e praças de Teresina. [...] – Esteve aqui um rapaz perguntando de onde nós viemos e se queremos ficar aqui. Eles prometeram arranjar uma casa pra gente, mas é lá no Buenos Aires, não sei se vai dar pra nós irmos pra lá. Eu quero muito mesmo é arranjar uma casa para colocar minha mulher e meus filhos dentro. Remexendo o arroz na chaleira, sobre um fogo improvisado, o ex-lavrador cearense Antônio Alves Ferreira, 25 anos, dois filhos, fez uma declaração. Ele chegou em Teresina a mais de uma semana – não sabe nem quando – e fez seu “habitat” sob uma árvore que fico próximo da Secretaria do Trabalho.<sup>124</sup>

O sonho da casa própria – não apenas o senhor Antônio Alves como milhares de famílias desejavam ter um teto seu para abrigar-se, entretanto as possibilidades postas a esta

<sup>124</sup>FAMÍLIAS moram nas praças e calçadas em Teresina. Jornal *O Estado*. Teresina-Piauí, 08 maio 1976, ano VII, nº 1029.p.2.

população se resumia a expulsão para bairros periféricos como o Buenos Aires, cuja falta de infraestrutura (saneamento básico, esgoto, calçamento, escolas, creches, hospitais) tornava ainda mais árdua a vivência, o que se reflete na incerteza das palavras do ex-lavrador que parece desejar a permanência de sua situação ao se ver frente a decisão de morar no bairro Buenos Aires.

O medo vem sob a face do pobre, entendido como “agente perigo”, aquele que vive à margem da sociedade, seja pelas péssimas condições de vida ou pela prática de atividades “ilegais”. Mendigos, desocupados, famílias carentes, prostitutas, passam a posição mencionada tornando-se alvos do projeto de “limpeza” e reordenamento da cidade; sendo que o objetivo seria reter e afastar essa população do Centro da cidade, ou seja, do “olhar estrangeiro” do turista que chega a capital.

Mostrar-se verde e bela: esse era o desejo impresso no plano de ação dos administradores que, durante a década de 1970, pleitearam espaço no cenário nacional a partir da reestruturação urbana, nos moldes executados por outras capitais e com verbas federais. Contudo, tais ações se deram de maneira autoritária e excludente, tornando a cidade palco de conflitos que permearam os discursos e a vivência ordinária do cidadão.



Fotografia 22: sem legenda.

Fonte: *Jornal O Estado*. 08 maio 1976, ano VII, nº 1029.p.2 .Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Ao trazer à cena o retrato de uma família em situação de abandono, expressa na forma de abrigo, na falta de agasalhos para proteção contra o frio, nas roupas gastas e rasgadas pelo tempo, na ausência de alimento e materiais de higiene; o fotógrafo traz à tona uma outra cidade, onde a casa não é abrigo para o homem, mas a rua; onde não há emprego; nem esperança de dias melhores. Nessa Teresina de face manchada pela sujeira da rua, de corpo

esguiu pela falta de comida, vivia a parcela da população que não conhecia as benesses da modernização ou as de habitar uma cidade, que chama o homem para a vivência coletiva, mas não garante o direito a viver dignamente nela.

Esta é a “cidade do medo”, que teme a si mesma, teme o cidadão cuja face destoa no cartão-postal impresso sob cores luminosas, teme a pobreza que declara sua presença a cada esquina e se renova, como consequência de processo de mudanças que soava estridente nas machadadas dos pedreiros a derrubar mais um prédio para a construção de outro em seu lugar. Derrubar e construir, derrubar novamente e construir. Este movimento frenético era a fórmula para conseguir chegar ao “novo”.

## CAPÍTULO 5: POBREZA: PERSONAGEM DE PRIMEIRA CAPA

“Ninguém faz milagres numa cidade de pobres”. Esta foi a frase dita pelo prefeito de Teresina Raimundo Wall Ferraz, ex-secretário do governo Alberto Silva e nomeado pelo então governador Dirceu Arcoverde<sup>125</sup>, em discurso na solenidade de entrega de mais de cem títulos de aforamentos para os moradores do bairro Buenos Aires<sup>126</sup>.

Percebe-se na frase um sentimento de desabafo em relação à situação de pobreza vivenciada pela capital e que as autoridades públicas teriam de enfrentar na segunda metade da década de 1970; o que se confirmou nas inúmeras reportagens associadas aos pobres na cidade. A miséria torna-se manchete nos jornais e problema para políticos recém-nomeados, que pleiteavam a continuidade dos projetos de modernização iniciados no início da década.



Fotografia 23: sem legenda.

Fonte: Jornal *O Dia*. Ano XXIV. nº 4194. 3 maio 1975. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Em bairros como o Buenos Aires, apresentado na fotografia 23, as péssimas condições de vida tornaram-se problema cotidiano durante toda a década de 1970. Na imagem acima podemos perceber que o objetivo do fotógrafo era mostrar quantidade e não qualidade, na medida em que ele se afasta ao máximo das casas, o que impede a observação detalhada das condições de moradia e a infraestrutura da área loteada, que nesse período somava inúmeras mazelas como a falta de abastecimento de água, iluminação, asfalto.

<sup>125</sup> Dirceu Arcoverde nasceu na cidade de Amarante, no dia 07 de setembro de 1925, às duas e meia da manhã. Filho de Miguel Arcoverde Vieira (paraibano, de Patos), Inspetor da Fazenda Estadual, e de dona Augusta Mendes Arcoverde (piauiense, de Amarante). Ingressou na carreira política filiando-se à Aliança Renovadora Nacional. Foi eleito pela Assembleia Legislativa Governador do Estado do Piauí (1975-1979).

<sup>126</sup> NINGUÉM faz milagres numa cidade de pobres. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4194. 3 maio 1975. p.12.

A mendicância era um dos principais problemas dessa década, que não resolvido no governo de Alberto Silva e Joel Ribeiro e continua a ser debate na imprensa escrita local. Na reportagem do jornal “O Dia” de 12 de novembro de 1975, o editorial chega a dizer que seria necessária uma cidade apenas para aglomerar a quantidade de mendigos que viviam pelas ruas de Teresina.

No sentido de resolver a situação, o governador Dirceu Arcoverde desejava construir uma casa para os mendigos; o que não foi bem recebido pelos próprios partidários da ARENA; como destaca, ainda, o editorial acima.

[...] Homero Castelo Branco disse que a medida do governo, de construir uma casa para abrigar a grande quantidade de pessoas desta natureza, deva atingir apenas um percentual de 10% [...] Ao finalizar suas declarações sobre o assunto, o parlamentar disse que aquele que conseguir uma vaga na casa de mendigos pode dar graças a Deus e explicou – “tendo em vista o elevado número de gente desta natureza, o governo, não por má vontade, mas por falta de condições dificilmente poderá atender a todos”.<sup>127</sup>

As palavras do político deixam entrever a imagem do pobre construída pelas autoridades públicas e intelectuais da época: “gente desta natureza”. A definição coloca o mendigo na posição de espécie diferenciada, muito próxima do animalesco, a tal ponto que não se poderia assemelhar-se àqueles que tem posses. A distinção social e o preconceito que aparecem na fala de Homero não era exclusividade, mas consenso nos debates sobre o assunto.

No jornal “Correio do Povo” de agosto do mesmo ano a problemática da mendicância na cidade também se apresenta como um problema social de greve, que não seria resolvido apenas com o programa elaborado pela Secretaria de Trabalho e Promoção Social (já mencionado). O editorial chega a apresentar um exemplo de solução seriamente contestável e que, na perspectiva apresentada, “infelizmente” não poderia ser adotada: jogar os mendigos na água do rio.

[...] Até mesmo nos coletivos existem mendigos solicitando e pedindo “uma esmola pelo amor de Deus”. Nas lancheiras, nos terminais de ônibus, em frente aos bancos, nas praças e nas ruas de modo geral, são frequentes as pessoas depararem com mendigo estirando a mão. [...] É um problema social dos mais graves, posto que, não se pode adotar a medida do Sr. Carlos Lacerda, na época que governou o então estado da Guanabara, jogando os mendigos na água do rio.<sup>128</sup>

<sup>127</sup> PIAUÍ precisa de uma cidade para mendigos. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4344. 12 maio 1975. p.3.

<sup>128</sup> PROBLEMA social. *Correio do Povo*. Teresina-Piauí. Ano II. nº 144. 8 ago 1975. p.5.



Fotografia 24: Mendicância: o triste ato de estender a mão

Fonte: Jornal *O Estado*. Ano XXIV. nº 4344. 12 maio 1975. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Na fotografia 24 temos uma cena, que sob a ótica do fotógrafo, parece algo cotidiano e invisível aos olhos do transeunte. A mulher, fotografada de costas, passa pelos idosos sentados nas soleiras das portas sem perceber a presença dos mendigos, perdidos na solidão inóspita da rua, doentes, cabisbaixos, como a entoar uma canção de sofrimento e dor inexprimível na fala, mas audível na impossibilidade de movimentação corporal.

Mesmo no fim da década de 1970, esse, ainda, era considerado um grave problema social, como destaca o economista Átila Lira no editorial do jornal “O Estado” de 20 de julho de 1977.

Para o economista Átila Lira, a mendicância há muito tempo deixou de ser uma exceção para ser um problema, pois, segundo ele tem se tornado uma maneira de “se ganhar a vida sem qualquer compromisso por parte do pedinte”. [...] Será muito difícil, acredito inclusive que não se possa realmente, acabar com a mendicância no Brasil, principalmente levando-se em consideração que o número de mendigos aumenta a cada ano, frisou ele.<sup>129</sup>

O pessimismo de Átila Lira em relação à mendicância deixa clara a relação estabelecida entre o governo e os pobres nos anos 70. Utiliza-se de medidas paliativas para conter o crescimento dessa população, entretanto não se estabelece uma política voltada para

<sup>129</sup> MENDIGO: a chance de aprender alguma coisa. *O Estado*. Teresina-Piauí. Ano VIII. nº 1355. 20 jul 1977. p.5.

profissionalização desse trabalhador, que por falta de capacitação não consegue se inserir no mercado de trabalho e acaba indo para as ruas.



Fotografia 25: MENDIGO: a chance de deixar as ruas.

Fonte: Jornal *O Estado*. Ano VIII. nº 1355. 20 jul 1977. p.5. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

A criação de um plano de treinamento juntamente com o Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra executados pela Secretaria do Trabalho e Promoção Social, sob a direção do próprio Átila Lira, não surtiu o efeito desejado. A tentativa de cadastramento dos mendigos da cidade para o recebimento da aposentadoria, no caso dos adultos maiores de 60 anos, e para o abrigo a ser construído na estrada Teresina/Palmeirais, em relação aos menores de idade; também não conseguiram abarcar a quantidade crescente da pobreza na capital.

Pela legenda da fotografia 25 poderíamos dizer que a solução para a mendicância estava resolvida e que dependeria apenas do próprio morador de rua participar do projeto veicula que seria executado em benefício da classe. Entretanto, o fotógrafo traz uma imagem que perduraria pelos anos 70, a de uma cidade amontoada pela pobreza. Os rostos atônitos, a expressão de desilusão com a própria existência, contrastante com a inocência das crianças que brincam nuas na calçada sem entender o sentido daquela vivência ou das razões que tornaram a rua o seu único lar.

A condição de vida nos bairros de Teresina era outra questão que preocupava as autoridades públicas. O prefeito Wall Ferraz, em comentário para o editorial do jornal “O Dia”, dizia-se “estarecido com a miséria do povo”<sup>130</sup>. A falta de saneamento básico, água,

<sup>130</sup> POBREZA dos bairros preocupa o prefeito. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4198. 1/2 maio 1975. p.1.

energia, se arrastava desde o governo de Alberto Silva, que priorizou o afastamento da população pobre para as zonas periféricas, mas sem oferecer as mínimas condições de sobrevivência.

Na segunda metade da década a situação tornou-se alarmante, ao ponto de bairros inteiros sem água; principalmente na zona sul da cidade, como relata o editorial do jornal “O Dia” de 1/2 de maio de 1975. A população precisava se deslocar para outras áreas em busca de água para suas necessidades básicas.

Porque o sistema de abastecimento do Bairro Lourival Parente e de uma vasta área localizada entre a BR-316 e Rodovia Teresina/Palmeirais, ainda não entrou em funcionamento normal os moradores dali continuam reeditando o velho samba: “Lata d’água na cabeça”. Eles andam pelo menos quatro quilômetros entre suas casas e uma torneira da fábrica de postes Saci, no Bairro Tabuleta. Este último também atravessa problemas. A zona sul é a mais sofrida em relação a outras zonas da cidade neste particular. [...] <sup>131</sup>



Fotografia 26: Na Zona Sul a eterna lata d’água na cabeça.

Fonte: Jornal *O Dia*. Ano XXIV. nº 4364. 19 dez 1975. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Na fotografia 26 a destreza das mulheres que descem uma ladeira com galões de água na cabeça, é tomada pelo fotógrafo como a comparar com o trabalho de controle corporal realizado pelas moças da “boa sociedade”. Contudo, no cenário exposto o desempenho das mulheres tem como objetivo a sobrevivência, o que limita o desejo do leitor em querer acompanhar toda a caminhada, repetindo o samba evoca na legenda da foto.

<sup>131</sup> EM QUASE toda Zona Sul água só vem na cabeça. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4364. 19 dez 1975. p.10.

O caso alarmante do bairro Parque Piauí chegou a tomar páginas inteiras dos editoriais, e o governo estadual junto com AGESPISA resolveram tomar algumas medidas como a perfuração de um poço e ampliação em 30% da capacidade de abastecimento de água existentes.<sup>132</sup> O problema não foi resolvido inteiramente, pois estas medidas não conseguiram alcançar o crescimento demográfico do bairro e da própria cidade.



Fotografia 27: sem legenda.

Fonte: Jornal *O Dia*. Ano XXIV. nº 4169. 2 abr 1975.. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

Mais uma vez a mulher se apresenta na luta pela sobrevivência de sua família. A busca por água é destaque na fotografia 27, que se volta para o chafariz improvisado que serve de ajuda aos moradores do bairro Parque Piauí. A forma rudimentar de obtenção de água, onde é necessária a presença de uma autoridade policial para coordenar a entrega, deixa entrever as agruras vivenciadas pela população, cujos direitos básicos não são atendidos.

Os problemas de abandono de inúmeros bairros da capital eram notórios, na medida em que o crescimento demográfico dos bairros não era acompanhado pela infraestrutura necessária para uma vivência digna. O jornal “O Dia” dedicou a maior parte de seus editoriais de 1976 para destacar a situação dos bairros da capital, que enfrentavam desde doenças como meningite e tuberculose, até lixo acumulado nas ruas, falta de saneamento básico e poeira demasiada em alguns períodos do ano pela ausência de calçamento nas ruas.

<sup>132</sup> GOVERNO decide melhorar vida do Parque Piauí. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4169. 2 abr 1975. p.1.

A meningite e a tuberculose são doenças perigosas que vem assombrando a população do Bairro Tabuleta, na zona Sul de Teresina. O aspecto sanitário do bairro é propício ao desenvolvimento desses vermes: águas servidas formam poças de lama, nas ruas esburacadas. No verão, o clima fica insuportável, devido ao grande volume de poeira. [...] <sup>133</sup>

As doenças, como podemos perceber na reportagem acima, se proliferavam com facilidade nos bairros mais pobres da capital, devido a falta de saneamento básico e um programa de assistência social que assegurasse o direito a um acompanhamento médico de qualidade. Viver em condições de pobreza na década de 1970 significa esquecimento por parte do poder público, que investiu na construção de inúmeros conjuntos habitacionais com vistas na desfavelização da cidade; entretanto, os novos bairros não possuíam infraestrutura nem mesmo em relação à saúde da população.



Fotografia 28: Tabuleta: dramas e comédias de um bairro pobre.

Fonte: Jornal *O Dia*. . Ano XXV. nº 4512. 19 jun 1976. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

O bairro Redenção era outro cenário de pobreza e descaso na cidade. A modernização, que na primeira metade da década, foi slogan do governo; parecia ter sido um sonho aos olhos dessa população que se sentia à margem do desenvolvimento. As grandes construções, o trabalho de limpeza e embelezamento da capital se concentrou nas áreas centrais e bairros

---

<sup>133</sup> TABULETA enfrenta os problemas do abandono. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4512. 19 jun 1976. p.1.

periféricos como Parque Piauí, Tabuleta, Redenção, Buenos Aires, ficaram conhecidos como regiões esquecidos pelo poder público.

Fora o testemunhar de homéricas manifestações das torcidas piauienses, já explicadas pela Sociologia, o bairro Redenção é chamado por seus habitantes de “O Bairro Esquecido”. Quer dizer, eles acham que o progresso esqueceu-se da gente e do lugar: o bairro não tem mercado, ginásio, ruas calçadas (consequentemente saneamento), quadra de esporte para a juventude, biblioteca pública, centro social, etc... Mas tem um posto médico, policial e um grupo escolar que funciona em condições precárias.<sup>134</sup>



Fotografia 29: sem legenda.

Fonte: Jornal *O Dia*. Ano XXV. nº 4498. 4 jun 1976. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

As crianças sujas, nuas, com as barrigas inchadas, desnutridas, parecem não entender a presença do fotógrafo em seu ambiente; e o cotidiano de miséria é esquecido pelo tempo do clic da câmera. Alguns segundos e elas retornam, como o despertar de um sonho, de volta à realidade. Aquele segundo de sonho eternizou-se apenas na fotografia (29), pois o quadro geral era de pobreza e doenças.

Mesmo no caso do bairro Buenos Aires, construído para receber a população removida do Centro da cidade para a construção de grandes avenidas como a Avenida Miguel Rosa e alargamento da Avenida Frei Serafim, a situação não era diferente. Gripe, escabiose, diarreia, tuberculose, são algumas das doenças que assolavam os moradores desse bairro, tido como

<sup>134</sup> REDENÇÃO o drama de um bairro esquecido. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4498. 4 jun 1976. p.16.

um dos mais pobres do estado. Sem a presença de um posto de saúde a população permanecia isolada de todo e qualquer aparato pública de assistência comunitária; como destaca o editorial do “O Dia” de julho de 1976.

Gripe, escabiose e diarreia são as doenças que minam a saúde das aproximadamente quatro mil famílias residentes no bairro Buenos Aires, zona norte de Teresina. O universo social e as dificuldades desta comunidade se repetem de segunda a domingo: não existe uma rua calçada. E a comunidade reclama ainda que o bairro não tem posto médico, não tem mercado público. É um dos bairros mais pobres do Piauí.<sup>135</sup>

Nesse mesmo ano a inflação, que já corroía os bolsos da população pobre fez com os preços dos produtos da cesta básica, como os do feijão, dispararem em velocidade assustadora, devido ao “congelamento” dos salários. “[...] Um quilo de feijão comum custava Cr\$ 8 na última semana. Agora, custa Cr\$ 10,20. Um quilo de feijão mulatinho custava Cr\$ 17,60 na última semana e agora pulou para Cr\$ 18,20: o preço de côco subiu mais 200 por cento: de Cr\$ 2,50, agora custa Cr\$ 8.[...]”<sup>136</sup>

As obras de habitação continuavam a todo vapor, enquanto a população dos bairros já existentes enfrentavam as agruras de uma vida de pobreza. O governador anunciava a construção de mais casas no estado, sendo mais de 1000 novas residências só em Teresina, e propagandeava a notícia como solução aos problemas da capital.

O Governo do Estado anunciou ontem a construção de mais 1.015 casas populares em Teresina, no próximo mês de setembro. Serão construídas 940 unidades no Conjunto Itararé e 75 no Bairro São Pedro, nas imediações de 66 unidades, que vão ficar prontas até o final deste mês. [...] “Essas unidades habitacionais vão atender às rendas de todos os níveis do povo de Teresina,” segundo declarações do governador Dirceu Arcoverde, ao visitar na tarde de ontem o seu “canteiro de obras,” nos bairros São Pedro, Parque Piauí, Praça Saraiva, Centro de Convenções e Secretaria de Obras.<sup>137</sup>

O plano de obras da política habitacional do governador Dirceu Arcoverde aparece como uma melhoria no nível social da população de Teresina, que vivia em favelas e precárias condições sanitárias. Entretanto, esta não era a situação financeira favorável que o prefeito Wall Ferraz evocava em seus discursos.

O prefeito Wall Ferraz entende que é muito difícil uma Prefeitura como a de Teresina, sacrificada com recursos limitados e lutando com milhares de problemas, principalmente de ordem urbanística. A opção do atual

<sup>135</sup> DOENÇAS e falta d’água são comuns no Buenos Aires. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4523. 2 jul 1976. p.1.

<sup>136</sup> O POBRE e a inflação na capital. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4572. 29/30 ago 1976. p.1.

<sup>137</sup> DIRCEU anuncia mais casas no Pi. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4555. 7 ago 1976. p.2.

administrador foi interligar as vias já existentes aos bairros de Teresina, para melhorar o acesso dos transportes coletivos. O prefeito, conversando ontem com jornalistas, mostrou os problemas de uma cidade que cresce sem dinheiro.<sup>138</sup>

O prefeito, ainda, justificava as dificuldades enfrentadas por Teresina dando como motivo a migração da população rural para a cidade, e especialmente para os bairros mais afastados do centro urbano; o que seria a origem das favelas, já que pelo aumento populacional o poder público não teria como levar os serviços de saneamento básico, água e energia elétrica. Sobre esse tema o jornal “O Dia” destaca a perspectiva de Waall Ferraz apresentada em entrevista a jornalistas da capital.

Como é toda oriunda da zona rural essas pessoas que chegam a Teresina não colaboram com o crescimento econômico da cidade porque são descapitalizados – não entram nem com a força do trabalho na formação do produto interno. Isso cria ilhas dentro da cidade, enquanto o crescimento horizontal impede o prosseguimento dos serviços de infraestrutura aos bairros distantes, onde tais benefícios só chegariam ali, através da aplicação de altos recursos nas obras de calçamento água, luz e esgoto.<sup>139</sup>

As “ilhas dentro da cidade” é uma referência direta as favelas que se amontoavam na capital. Outro problema que se tornou comum nas páginas dos jornais, que chegavam a anunciar o surgimento ou desaparecimento desses agrupamentos coletivos; nesse último caso pela ação do governo junto às autoridades policiais.

É a mais nova favela de Teresina situada perigosamente a apenas alguns metros dos reservatórios de petróleo do terminal e bem junto aos trilhos da RFFSA. O local já tem 35 casas de palha e é quase certo que esse número poderá dobrar de uma hora para outra. Hermínio José da Silva, um dos moradores, diz que não sabe a quem pertence aquele terreno, mas goza das delícias do lugar.<sup>140</sup>

A falta de condições de uma população que chegava a Teresina com a esperança de melhorar de vida acabava gerando situações como a formação de bairros ao longo das estradas ferroviárias. Um exemplo disso é o caso do Sr. Raimundo Ferreira da Silva e seus filhos, destaque no jornal “O Dia” de junho de 1976. “[...] Vindos do Ceará, município de Tianguá, há três anos; juntaram-se a outras famílias residentes na rua Minas Gerais, zona Sul,

<sup>138</sup> PREFEITO diz que sem verbas não há milagre. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4574. 1 set 1976. p.1.

<sup>139</sup> WALL diz porque não calça, todas as ruas. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4574. 1 set 1974. p.7.

<sup>140</sup> NASCE favela bem próxima ao perigo do fogo. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4493. 27 maio 1976. p.1.

nas proximidades da estrada de ferro. Ali dezenas de famílias moram [...] em casas que às vezes não tem sequer três metros de altura. Habitam em condições sub-humanas”<sup>141</sup>.

Em reportagem de 21 de abril de 1975 o editorial “Correio do Piauí” destaca o projeto de desfavelamento da cidade como um trabalho humanizar, na medida em que trataria melhores condições de vida para a população pobre, contudo este cenário de melhorias não se durante a segunda metade da década de 1970.<sup>142</sup> O que se tem é a construção de conjuntos habitacionais em larga escala, mas sem as condições para uma sobrevivência digna. Como no caso do bairro Buenos Aires.

Além das péssimas condições de vida, as moradias feitas de palha tornavam-se focos de incêndios que seguiam durante todo o ano. Essas moradias eram preocupação para o governo, que tentava a todo custo desmontar a imagem de pobreza que a cidade apresentava, e alvo da imprensa, que comparava Teresina a um caminhão de combustível pronto para explodir.

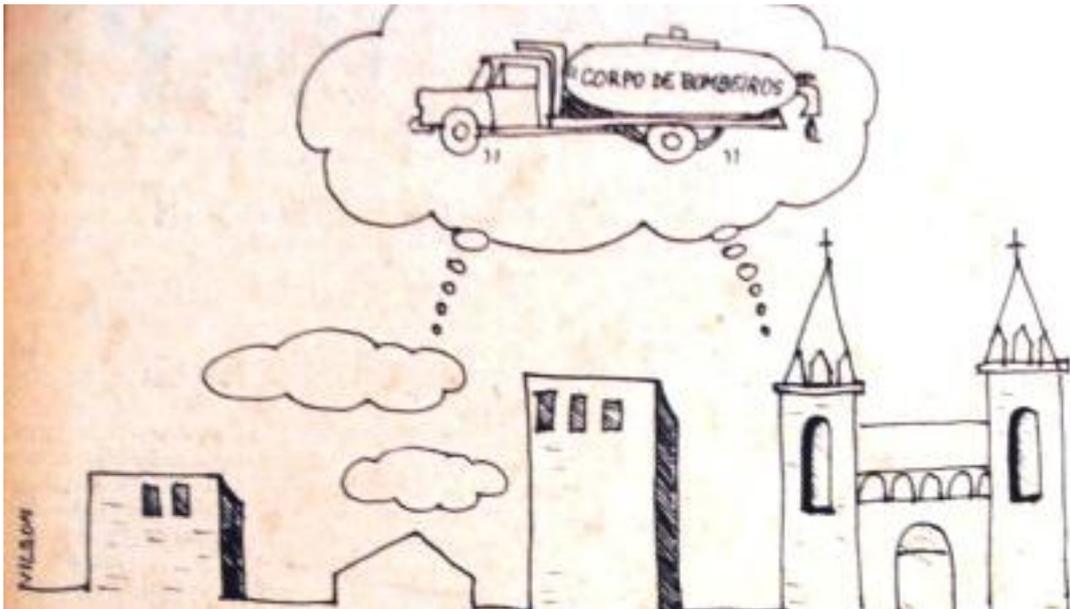


Ilustração 30: Charge. Jornal *O Dia*. Ano 4603. nº 4604. 8 out 1976. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

A charge do cartunista Nilson associa a imagem da capital com as casas de palha, mesmo que na ilustração não apareça nenhuma dessas moradias; pois o perigo já estava no imaginário da população e dos moradores dos casebres, que podiam incendiar rapidamente no

<sup>141</sup> POR FALTA de condições ferroviária vira bairro. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4504. 9 jun 1976. p.3.

<sup>142</sup> PREFEITURA humaniza desfavelando a cidade. *Correio do Povo*. Ano II. nº 78. 21 abr 1975. p.1.

verão teresinense. A vida dessa população era incerta, já que poderiam perder o único teto, seja pela demolição empreendida por autoridades policiais ou pelo fogo.

Além disso, a própria imagem construída em torno das favelas já era motivo de perigo para o restante da população. O Morro do Querosene é um exemplo do medo que assumia as páginas dos jornais e chegava à opinião pública. Tido como um local de problemas, ao lado da Paissandu seriam “a área explosiva de Teresina”, segundo editorial do “O Dia”.

O desafio social é mesmo o Morro do Querosene, onde acontecem os mais diversos, onde acontecem os mais diversos tipos de problemas. Quando explodiu uma campanha para que todos os colchões de camas fossem destruídos, por precaução e prevenção da saúde pública, muitas mulheres reclamaram. Outras choraram, até, preocupadas, sem ter onde dormir. Algumas nem ligaram: “quem está com sono, dorme em qualquer parte. No chão, na rede e até na Delegacia”. Localizado numa das regiões mais altas do bairro Piçarra o Morro do Querosene, juntamente com a Paissandu, formam a área mais explosiva de Teresina, que ainda estão exigindo seríssimas providências sociais. Quando então secretário de Educação e Cultura do Piauí, o professor Arimatheia Tito Filho, anunciou um programa educacional para essas áreas. Mas tudo não passou de conversa entre amigos, logo depois ele deixava a secretaria.<sup>143</sup>

A imposição de medidas autoritárias pelo governo para higienizar as favelas da cidade, era atividade cotidiana atribuída as autoridades policiais, que realizavam, ainda demolições e expulsões de moradores de áreas consideradas “perigosas”, seja pela presença de personagens marginalizados como prostitutas, mendigos, meninos de rua; ou pela situação de pobreza das famílias em seus casebres de palha, que dividia espaço com os projetos de habitação e urbanização do governo estadual.

No caso citado acima, percebemos o tom impositivo das ações do governo sobre as moradoras do Morro do Querosene, obrigadas a aceitar a queima dos seus colchões sem que fossem ressarcidas. Mesmo com a possibilidade de um programa educacional para a região, que não passou de conversa, o editorial não conseguiu minimizar a imagem de pobreza enfrentada pelos residentes, estes últimos vistos como agentes propagadores de doenças e da própria violência na cidade.

Os abrigos onde parte dessa população marginalizada vivia também se tornaram alvo da política urbanística dos governos estadual e municipal, que passaram a demoli-los com o objetivo de fazer desaparecer da face da cidade ambientes como o Abrigo da Avenida Barão

---

<sup>143</sup> BAIRRO PIÇARRA: da subcultura ao desafio social. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4488. 21 maio 1976. p.16.

de Gurguéia, considerado caso de polícia, devido à frequência de casos de agressões, esfaqueamentos e roubos, mesmo com a imposição de fechamento para as 22 horas.<sup>144</sup>

A Prefeitura de Teresina iniciou a demolição dos abrigos, começando pelo Bairro da Vermelha, que passará a compor um conjunto urbanístico integrado à Praça Nossa Senhora de Lourdes, que se encontra em reforma. Quando a obra do lado Leste da Praça Saraiva estiver concluída, os trabalhos prosseguirão para o lado Oeste, determinando o desaparecimento dos abrigos ainda existentes no local e que não mais condições de funcionamento.<sup>145</sup>

O jornal “O Dia” e “O Estado” assumiram nos anos de 1975 e 1976 a posição de investigadores do viver urbano a partir da perspectiva da pobreza como personagem central de suas manchetes, tendo em vista a situação de crescimento demográfico acelerado da cidade e a mudança na administração do Estado e da capital. Como está a cara de Teresina nesta nova etapa? A tentativa de responder este questionamento, fez com que os editoriais se deparassem com uma situação contraditória, tendo em vista as promessas de desenvolvimento e modernização que fizeram da primeira metade da década o período das grandes construções e dos sonhos de progresso.

Os três últimos anos da década de 1970 não representaram uma mudança significativa nos problemas já mencionados durante todo o texto; principalmente a questão habitacional, que nas palavras do presidente da Cohab-Piauí, José Francisco de Almeida Neto, em entrevista ao jornal “O Dia” em 24/25 de junho de 1979, apresenta-se como uma problemática sem solução.

O presidente da Cohab-Piauí, José Francisco de Almeida Neto, confessou que o problema habitacional de Teresina nunca terá solução. Mas assegurou que cabe ao órgão que dirige amenizá-lo. Disse que até 1983, as casas populares construídas pela Cohab, nesta capital, somarão cerca de 30 mil unidades. Hoje existem 11 mil. Com as despesas de infraestrutura, como acesso rodoviário, energia elétrica e ligações domiciliares de água, a Cohab prevê a inversão de Cr\$ 3,2 bilhões, destinando suas casas para pessoas que ganham de um a cinco salários mínimos regionais.<sup>146</sup>

Mesmo com os investimentos na área de habitação, a década de 1970 termina com a marca de decepção quanto à pretendida modernização da capital. Os problemas de saúde, moradia, saneamento básico nos bairros aumentaram de forma vertiginosa. O conjunto Itararé,

<sup>144</sup> ABRIGO da B. de Gurguéia demolido pela prefeitura. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4527. 7 jul 1976. p.3.

<sup>145</sup> ABRIGOS começam a ser demolidos em toda capital. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4527. 7 jul 1976. p.1.

<sup>146</sup> COMPANHIA de habitação acha que não resolve este problema. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXVIII. nº 9000. 24/25 jun 1979. p.1.

que em 1979 recebe o nome de Dirceu, em homenagem ao governador que deixou o cargo para candidatar-se a senador, torna-se manchete nos jornais pelos inúmeros problemas enfrentados pelos moradores.

O sarampo está matando as crianças no bairro Itararé, na zona rural de Teresina, onde moram hoje mais de quatro mil famílias. Já houve casos em que morreram duas crianças por dia. Mais de 30 crianças estão agora com sarampo, pneumonia, febre, vômitos e gripe. No posto médico do bairro, a situação é de total abandono: o médico raramente aparece e não existe medicamento, “nem um melhora!” [...] <sup>147</sup>

O cenário de pobreza se repete a cada bairro analisado. Itararé, Buenos Aires, Mafuá, Primavera, são apenas exemplos de uma condição generalizada na capital e sem grandes propostas de mudança; tendo em vista que a construção de conjuntos habitacionais, a demolição de favelas e o despejo de moradores pobres, não resolvia a falta de empregos, o que resultava apenas no redirecionamento da situação para outras áreas da cidade.

Fome, surtos epidêmicos, falta de acompanhamento médico e dos próprios remédios, tornaram-se parte do cotidiano de moradores como “a Sra. Maria Cândida da Cruz, mãe de oito filhos, dos quais uma menina estava com sarampo, e a Sra. Maria Santana do Rêgo, mãe de três filhos, dos quais o de um ano também estava com sarampo, como destaca a fotografia 31” <sup>148</sup>.



Fotografia 31: Várias crianças estão com sarampo no Itararé.

Fonte: Jornal *O Dia*. Ano XXVII. nº 5029. 4 mar 1978. Acervo do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

<sup>147</sup> SARAMPO é surto no Itararé. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXVII. nº 5029. 4 mar 1978. p.1.

<sup>148</sup> SARAMPO é surto no Itararé. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXVII. nº 5029. 4 mar 1978. p.1.

O que dizer sobre essas mulheres? Elas foram parte de um processo de modernização excludente e autoritário, que não visava a participação da população pobre da cidade nos resultados do desenvolvimento, contudo, essa parcela social cresceu e os problemas deixados de lado em benefício do embelezamento da capital não desapareceram, ao contrário, eclodiram ferozmente, trazendo consigo a imagem que elite, tecnocratas e intelectuais não desejavam ver: a Teresina pobre, marginaliza e doente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenhar os traços finais deste trabalho, é importante relatar que estas linhas representam graficamente um esforço significativo no trabalho de análise das fontes dessa pesquisa desenvolvida com o objetivo de refletir sobre a Teresina da década de 1970, através da escrita jornalística local, de compreender a cidade descoberta pelo olhar desses observadores atentos, na tentativa de apreender as imagens e discursos produzidos sobre a urbe, postos a representar a materialidade e as múltiplas cidades que se constroem e reconstroem cotidianamente.

Nesse sentido, percebeu-se que construir o “Novo Piauí” foi década de 1970, não apenas a marca dos projetos de modernização empreendidos pelos governos estadual e municipal, mas se enunciara como a principal ideia discutida e analisada nos periódicos da capital piauiense, seja em termos de aliar-se ao discurso emitido pelas autoridades, seja refletindo sobre as contradições e consequências de um processo excludente e autoritário, que transformaria bem mais que a paisagem urbanística. Era, sobretudo, a relação estabelecida entre o cidadão, cuja vivência baseada em costumes e hábitos enraizados acabava esbarrando nos novos padrões da modernização, e a cidade, que se inscrevia de forma acelerada num processo, cujo objetivo se centrava na criação de uma imagem de progresso. Nesse cenário, mostram-se representações construídas em torno da ideia do novo, que certamente rubricam material e historicamente o universo dessas vontades de melhorar o espaço que os inspiraram.

Num cenário de aliança entre o governo local, representado pelas autoridades públicas que dirigiram o estado durante os anos 70, e a direção nacional, com destaque para a ajuda do general presidente Garrastazu Médici e do ministro Petrônio Portela, o Piauí e, especialmente, sua capital, tornaram-se receptáculos de recursos direcionados a retirar da face cidadina os contornos empobrecidos e modestos do conjunto urbanístico, considerados motivo de chacota no restante do país. Para tanto, a imprensa jornalística funcionou como a mais importante divulgadora e defensora dos novos planos de modernização a serem implantados em Teresina, construindo um arcabouço propagandístico voltado para fomentar a adesão popular às medidas tomadas pelos governos municipal e estadual, que vieram a transformar a capital piauiense em um verdadeiro “canteiro de obras” e mudar a relação estabelecida entre cidadão e urbe.

A centralização do discurso em torno do par antagônico pobreza/modernização surgiu nos editoriais como a possibilidade de apresentar as características desejadas para uma cidade

que desejava entrar na marcha do progresso e que pleiteava um lugar de destaque no cenário nacional. A pobreza, por esse veio interpretativo, seria a ruga a enfeitar o rosto civilizado e moderno da capital, sendo entendida como entrave à concretização dos ideais progressistas, que se faziam sentir nas mentes de jornalistas, autoridades e intelectuais ávidos pela execução dos projetos urbanísticos na capital.

Nesse quadro, a retirada dos focos de pobreza próximos ao centro urbano ganhara as páginas dos jornais como uma medida aceitável e necessária para a higienização e embelezamento daqueles locais que se tornariam cartões-postais da cidade e símbolos de um progresso “inevitável”, ancorado pelas “ideias e condutas políticas surgidas com a Revolução de 1964” e que, desse modo, tornara possível a colocação de um governo local comprometido com o desenvolvimento e com a realidade vivenciada pela população.

A análise das fotorreportagens dos principais editoriais do período auxiliou, de forma substancial, na construção dos discursos jornalísticos, trazendo à tona as imperfeições de uma cidade que vivia a euforia do desenvolvimento estampado nas imagens das praças embelezadas, das construções monumentais, das avenidas. Entretanto, também se via refletida na figura do pobre, que abarrotava as favelas e ruas da cidade em busca da sobrevivência. Dois lados de uma mesma moeda forjada por um processo modernizador excludente e autoritário, que afastara a população pobre do quadro pintado em tons modernos sem transformar, para tanto, o cenário de miséria.

Neste cenário um personagem ganhou destaque na pesquisa, o jornalista, na medida em que ele lê a cidade, discute, reflete e apresenta um posicionamento, que se reflete na opinião pública; principalmente quando se trata de um período de forte repressão e censura dos meios de comunicação. Estabelecer a nuances desta relação contraditória entre imprensa e estado autoritário também foi objetivo que favoreceu o entrecruzamento de discussões sobre o próprio fazer historiográfico.

Os discursos da imprensa escrita local, na segunda metade da década de 1970, sobre a pobreza e a imagem que passa a ser veiculada nas manchetes dos editoriais também foi outro eixo de análise que possibilitou a construção de uma teia narrativa capaz de perceber as nuances da escrita jornalística e os posicionamentos políticos diante de uma cidade que refletida nos casebres de palha tornava-se palco de inúmeras discussões, como o próprio viver urbano.

A cidade tecida e retecida continuamente no ato de narrar se revela pela percepção de emoções e sentimentos construídos no viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que essa forma de vivência

possibilita. Neste sentido, a paisagem urbana convida o caminhante a desvendar seus contornos, a sentir o fascínio, o medo, a sedução que a cidade reserva.

## FONTES E REFERÊNCIAS

### Fontes

#### *Documentação hemerográfica*

ABRIGO da B. de Gurguéia demolido pela prefeitura. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4527. 7 jul 1976. p.3.

ABRIGOS começam a ser demolidos em toda capital. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4527. 7 jul 1976. p.1.

AFINAL, o que é o Projeto Piauí? *O Estado*. Teresina-Piauí, ano XX, 15/16 ago 1971. p.4.

BAIRRO PIÇARRA: da subcultura ao desafio social. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4488. 21 maio 1976. p.16.

BRIZOLA: só me resta o exílio. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro-RJ. Acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional. Ano LXIII. 03 maio 1964.

COMPANHIA de habitação acha que não resolve este problema. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXVIII. nº 9000. 24/25 jun 1979. p.1.

DIRCEU anuncia mais casas no Pi. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4555. 7 ago 1976. p.2.

DOENÇAS e falta d'água são comuns no Buenos Aires. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4523. 2 jul 1976. p.1.

EM QUASE toda Zona Sul água só vem na cabeça. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4364. 19 dez 1975. p.10.

FAMÍLIAS moram nas praças e calçadas em Teresina. *O Estado*. Teresina-Piauí, ano VII, nº 1029. 08 maio 1976. p.2.

GOVERNO decide melhorar vida do Parque Piauí. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4169. 2 abr 1975. p.1.

GOVERNO define a política de turismo. *O Dia*. Teresina-Piauí, nº 3219, 15 maio 1971.

LÁGRIMAS e turbinas. *Veja*. 27 nov. 1968.

MENDIGO: a chance de aprender alguma coisa. *O Estado*. Teresina-Piauí. Ano VIII. nº 1355. 20 jul 1977. p.5.

MENSAGEM de Médici. *Jornal O Dia*. Teresina-Piauí, , nº3187. 7 jan 1971. p.3.

NASCE favela bem próxima ao perigo do fogo. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4493. 27 maio 1976. p.1.

NESTE governo todos só querem trabalhar. *O Estado*. Teresina-Piauí, ano XX, s/n, p. 1, 25 abr. 1971.

NINGUÉM faz milagres numa cidade de pobres. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4194. 3 maio 1975. p.12.

O POBRE e a inflação na capital. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4572. 29/30 ago 1976. p.1.

OPORTUNIDADE histórica. *O Dia*. Teresina-Piauí, n. 3223/18 fev. 1971. p.3.

PIAUI precisa de uma cidade para mendigos. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4344. 12 maio 1975. p.3.

POBREZA dos bairros preocupa o prefeito. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXIV. nº 4198. 1/2 maio 1975. p.1.

POR FALTA de condições ferrovia vira bairro. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4504. 9 jun 1976. p.3.

PREFEITO diz que sem verbas não há milagre. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4574. 1 set 1976. p.1.

PREFEITURA humaniza desfavelando a cidade. *Correio do Povo*. Ano II. nº 78. 21 abr 1975. p.1.

PREFEITURA vai demolir os abrigos das praças. *Jornal O Dia*. Teresina-Piauí, ano XXIV, nº 4212. 24 maio 1975. p.2.

PROBLEMA social. *Correio do Povo*. Teresina-Piauí. Ano II. nº 144. 8 ago 1975. p.5.

PROJETO PIAUÍ: má fé ou ignorância? *O Estado*. Teresina-Piauí, ano XX. 20 ago 1971. p.2.

REDENÇÃO o drama de um bairro esquecido. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4498. 4 jun 1976. p.16.

SARAMPO é surto no Itararé. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXVII. nº 5029. 4 mar 1978. p.1.

SOBRE a “cidade verde”. *O Dia*. Teresina-Piauí, nº 3.374. 18/19 jul 1971. p.1.

TABULETA enfrenta os problemas do abandono. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4512. 19 jun 1976. p.1.

TERESINA vai ser mesmo cidade verde. *Jornal O Dia*. Teresina-Piauí, ano XXIV, nº 4209. 21 maio 1975. p.3.

TRATAMENTO certo. *Jornal O Dia*. Teresina-Piauí, 7 jan 1971.

TURISMO. *O Dia*. Teresina-Piauí, nº3509, 30 dez 1971.

VIDA de pobre dá um romance, diz lavrador. *Jornal O Estado*. Teresina-Piauí, nº 934. 08 jan. 1976. p.1.

WALL diz porque não calça, todas as ruas. *O Dia*. Teresina-Piauí. Ano XXV. nº 4574. 1 set 1974. p.7.

## **Referências**

*Artigos, Revistas e Capítulos de Livros*

ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ALMEIDA, Kllaricy Oliveira. Faces do espelho: pobreza e modernização no discurso da imprensa teresinense na primeira metade da década de 1970. In: NASCIMENTO, Francisco

Alcides do; VIANA, Débora Silva; LIMA, Albert Aurélio. *Teresina em foco: História, cidade e memória*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2012.

\_\_\_\_\_. *Filhos bastardos do progresso: pobreza e discurso na imprensa teresinense na primeira metade da década de 1970*. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2011

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. *Metrópolis: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)*. In: *Revista Brasileira de História*. v.5, nº 8/9. São Paulo, p.35-68, set. 1984/abr. 1985.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. 3 ed. São Paulo: Summus, 1986.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil – Coleção Memória e Sociedade, 1990.

FILHO, Celso Pinheiro. *História da imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodíaco, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição Santos: 1870-1913*. Santos-São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

LIMA, Albert Aurélio. *Do prelo ao off-set: modernização e práticas dos jornais escritos em Teresina na década de 1970*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2013.

LIMA, Antônia Jesuíta de. *As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina: Halley, 2003.

MARTINS, Ana Luiza e DE LUCA, Tânia Regina (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.8.

MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: a revista manchete durante o governo Médici*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999. Disponível em: <[www.arqanalogia.ufscar.br](http://www.arqanalogia.ufscar.br)>. Acesso em: 27 dez. 2012.

MATOS, Maria Izilda de. *Na trama do cotidiano*. Cadernos: CERU/USP, nº5. p.23-31.

MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história interfaces*. Revista Tempo, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MONTE, Regianny. *Teresina sob os anos de chumbo: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente*. 116f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2007. p.19.

\_\_\_\_\_. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 235f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2010.

MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. In: JUNIOR, Gilson Pôrto (Org.) *História do Tempo Presente*. Santa Catarina:EDUSC, 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina em Teresina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: *Revista Brasileira de História*. v. 27, n. 53. São Paulo, p. 195-214, jan-jun 2007.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 53, jan/jun. 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

POE, Edgar Allan. O Homem das Multidões. In: *Poesia e Prosa*. vol. 2. Editora Livraria do Globo: Porto Alegre, 1944.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções*. Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização e modernidade: entre o passado e o futuro (1808-1945). MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. A grande transação. São Paulo: Editora SENAC/São Paulo, 2000.

REZENDE, Antônio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade de Recife nas primeiras décadas do século XX*. Recife: FUNDART, 1997.

RIO, João do. *Uma antologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 4ª reimpressão da 1ª edição de 1988. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. In: *Revista Brasileira de História*. v.5, nº 8/9. São Paulo, p.69-83, set. 1984/abr. 1985.

\_\_\_\_\_. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIANA, Débora Silva. *Entre o concreto e o etéreo: trabalho e memória dos trabalhadores da construção civil em Teresina na década de 1970*. 280f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, 2013.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

#### *Entrevistas*

FILHO, Carivaldo Marques Teixeira. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Albert Aurélio Lima*, 2011

## ANEXO I

Apontamentos sobre a Imprensa escrita teresinense – Década de 1970

**O Dia** foi fundado no início dos anos 50 por Raimundo Leão Monteiro, quando passou a circular duas vezes por semana, nas quintas-feiras e nos domingos. Só na década de 1960 o jornal passou para a edição do Cel. Otávio Miranda.



O **Jornal do Piauí** foi fundado em 30 de setembro de 1951 por Antônio de Almendra Freitas, e, na década de 1970, possuiu como redator-chefe Macário Oliveira e o jornalista José Vieira Chaves como diretor-presidente, sendo que a assinatura anual custava Cr\$ 150,00 e o exemplar do dia Cr\$ 0,30. Deixou de circular no início dos anos 90.



O **Estado** foi fundado em 15 de março de 1970 por Venelouis Xavier e Helder Feitosa, que passou a dirigir o jornal. Entre seus colaboradores, destaca-se o Arcebispo Dom José Freire Falcão. Este foi o primeiro periódico piauiense a circular em edição extra, quando da posse do governador Alberto Silva. Teve circulação ininterrupta por mais de 20 anos; mas entrou em crise com o assassinato de seu dono, Helder Feitosa. Foi arrendado no início dos anos 90 e fechou em seguida.

# O ESTADO

**Correio do Povo** foi fundado a 17 de outubro de 1985, pelo jornalista Genésio Araújo.

The logo for 'Correio do Povo' features the words 'CORREIO DO POVO' in a bold, black, sans-serif font. The text is contained within a light gray rectangular box with a subtle drop shadow effect.

**O Liberal** teve como diretor e redator, na década de 1970, D'Anunciação Carvalho e o secretário geral foi Brito Martins.

The logo for 'O Liberal' features the words 'O LIBERAL' in a bold, black, serif font. The letters are highly stylized with decorative flourishes and a textured, almost woodcut-like appearance.